



A CANÇÃO DE
KALI

Tradução de *João Barreiros*

DAN SIMMONS

*EDIÇÃO ESPECIAL COM PREFÁCIO DE
JOÃO SEIXAS E POSFÁCIO DE JOÃO BARREIROS*



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
Para quem quer fugir da rotina



*Para HARLAN ELLISON,
que ouviu a canção,
e KAREN e JANE,
que são as minhas outras vozes.*

PREFÁCIO DE JOÃO SEIXAS

“Alguns lugares são demasiado malignos para permitirmos que existam. Algumas cidades são demasiado perversas para que sofram a sua existência”.

É com estas palavras que começa a narrativa de *A Canção de Kali*, e se as reproduzo aqui é para permitir ao leitor, espicaçado pela curiosidade, saltar as páginas que se seguem e mergulhar imediatamente no livro propriamente dito. Talvez depois de ler este primeiro romance de Dan Simmons, publicado originalmente há quase um quarto de século (cumprirá vinte e cinco anos em 2010), o leitor sinta a curiosidade de ler esta breve introdução. Ou talvez não. Aqui entre nós que ninguém nos lê, todos os prefácios são inúteis; meros exercícios de vaidade de quem os escreve, nada podem acrescentar ao livro que introduzem, pois este deve forçosamente valer-se a si mesmo. São assim os grandes livros: dispensam introduções, notas críticas, comentários, interpretações. Por isso leitor, vá, salte estas páginas e explore o miasma pestilento da Calcutá de 1979 que Simmons nos descreve com exemplar precisão. E só depois, se lhe apetecer, se lhe restar fôlego para tal, se Simmons o deixar com vontade de encarar uma vez mais o seu semelhante, volte aqui e partilhe comigo o impacto que este livro vai ter na sua forma de ver o mundo. Vá... eu espero, e não levo a mal se preferir fechar o volume e enterrá-lo na terceira fiada de livros da sua estante para não mais o voltar a ver. A sério, avance, é um mundo inteiro que tem para explorar.

Ah, sempre voltou. Mais pálido, com a respiração alterada, incapaz de explicar como pôde este livro tocá-lo de forma tão íntima, tão perturbado-

ra. Não se preocupe. Todos nós já passámos por isso quando o lemos pela primeira vez. E acredite quando lhe digo que é apenas a *primeira* vez que lê este livro. Porque haverá outras. Oh, sim, muitas outras. Até parece mentira que *A Canção de Kali* possa ser o primeiro romance que Dan Simmons escreveu. É certo que antes dele existiu um conto publicado na defunta revista *The Twilight Zone Magazine* (1981-1989), vencedor do primeiro prémio anual que a revista organizou, tendo como júri Peter Straub, Robert Bloch e Richard Matheson, todos eles gigantes da literatura de horror. O conto chamava-se *The River Stix Runs Upstream* (1982), e foi descoberto por Harlan Ellison quando Simmons participou no Writer's Conference in the Rockies, um curso de escrita criativa do Colorado Mountain College, realizado no Verão de 1981. E um par de noveletas, publicadas na OMNI [*Eyes I Dare Not Meet in Dreams* (1982) e *Carrion Comfort* (1983)] e um conto na Isaac Asimov's Science Fiction Magazine (*Remembering Siri*, 1983). Mas só isso. Pouco mais de 70.000 palavras antes de assinar a obra que foi o primeiro romance de um estreante a vencer o prestigiado e prestigioso World Fantasy Award. E no entanto, tal como sucedeu com *The River Stix Runs Upstream*, que levou Ellison a sentenciar que “faça o que fizer, Simmons, você é um escritor; mesmo que não escreva nem mais uma palavra, você é um escritor”, *A Canção de Kali* foi recebida com paroxismos de entusiasmo por parte da crítica e dos profissionais da escrita, e com alguma indiferença pelo público leitor. Mais ou menos o que viria a suceder com algumas das suas obras posteriores como *Hyperion* (1989, Prémio Hugo), *Carrion Comfort* (1989, Bram Stoker Award e British Fantasy Society Award), *The Crook Factory* (1999), ou *The Terror* (2007), todas elas obras que subvertem as expectativas condensadas na gramática muito própria da literatura de género. Porque é importante dizê-lo desde já, Dan Simmons é exímio no uso da linguagem, da narrativa e da H/história, das quais se serve para rasgar a capa de aparências que oculta o mundo real.

Que oculta o mundo real. Fá-lo estremecer, não é, caro leitor? Evocou-lhe recordações do livro que acabou de ler, do livro que arrancou com tal força a derme que mascara a realidade que o obrigou a desviar o olhar da carne viva, em sangue, do mundo tal como ele é.

Mas é para isso que serve a literatura de horror: para arrancar a máscara do falso, “para descascar a camada de falsidade, da falsidade da nossa compreensão das coisas, até chegarmos a uma verdadeira compreensão do mundo, que, nas narrativas de horror, não é transcendental”, para pedir emprestada a gramática de Clute. Porque, caro leitor, *A Canção de Kali* é, apesar de tudo, uma narrativa de horror; mas uma narrativa que transcende os tropos do género, que desafia as expectativas dos leitores, que enterra os dedos bem fundo sob os lábios da ferida e força, uma e outra vez, o rasgar

da carne... até que a matéria de que as coisas são realmente feitas escorre juntamente com o pus e a linfa e todas as outras porcarias que nos obrigam a desviar o olhar. Que são parte da máscara. Ah, sim, também aí Simmons estava à nossa frente. Ele, Stephen King, Peter Straub, George R.R. Martin, Robert McCammon, todos aqueles que compreenderam antes dos outros, até antes de Clute, que se aproximava o momento em que “o gesto paradigmático não é a pré-identificação das narrativas em termos genéricos” mas o do desenvolvimento de modelos narrativos “suficientemente plásticos para poderem lidar com o oportunismo dos grandes escritores” (Clute), daqueles que estendem os seus limites para lá das fronteiras da fórmula.

Consideremos a trama de *A Canção de Kali*: Robert Luczak, contra o conselho do seu melhor amigo, desloca-se a Calcutá com a sua esposa Indiana e a filha de ambos para recolher o manuscrito de um poeta que se julgava morto, M. Das. Uma vez na infecta Calcutá, um membro renegado dos Kalipalakas/Kapalikas, uma seita de seguidores da deusa Kali, informa-o que Das estava realmente morto, mas que foi ressuscitado pela deusa com a incumbência de redigir um hino à divindade maldita que permitirá espalhar a sua influência por todo o mundo. Apesar de todas as advertências em contrário, Luczak insiste em encontrar-se pessoalmente com Das, um encontro que terá consequências dramáticas para ele e, quem sabe, para toda a humanidade.

Linear, não é? Tão enganadoramente simples, tão simplesmente enganador.

É, antes de mais, inegável o poder descritivo de Simmons neste livro. Para construir a sua Calcutá, um retrato tão sinistro e deprimente como a própria realidade, Simmons baseou-se na experiência pessoal de apenas dois dias que passou nessa cidade, a par das dez semanas em que viajou por toda a Índia, ao abrigo de uma bolsa *Fullbright*. Isso, só por si, é um feito, pois é essencialmente o realismo e textura do ambiente que permite a Simmons adiantar a sua tese, a tese que permeia toda a narrativa: a de que existem *locii mallefica*, onde o ambiente põe à prova a perspectiva moral - e consequentemente - a vontade humana.

Se Simmons tivesse apostado no uso aberto do sobrenatural, na existência de forças paranormais capazes de corromper a “alma”, o efeito não seria tão assombroso e potente como o obtido pelo recurso àquilo que alguns leitores consideram ingenuamente tratar-se de um certo grau de “ambiguidade”.

Mas não existe qualquer ambiguidade no livro. Não, no sentido de o autor não clarificar suficientemente as causas ocultas que fizeram mover a narrativa. A sensação de ambiguidade que pode resultar da obra, deve-se ao facto de nos ter sido dado viajar no interior de alguém que é — porventura

— demasiado parecido connosco. Através de Robert Luczak, uma personagem dimensionada e criteriosamente construída, Simmons dá-nos a explorar a nossa própria maneira de pensar, a mundividência de um homem ocidental, urbano, bom pai de família, culto e liberal. É essa a perspectiva que cedo obtemos dele, e que de imediato somos levados a contrapor com as palavras iniciais do livro, sobretudo quando nos é dito “*Antes de Calcutá participei em manifestações contra as armas nucleares. Agora sonho com cogumelos atómicos (...)*”. Ademais, Luczak é jornalista *freelancer*, e como tal necessariamente atento ao que o rodeia e ao que se passa no mundo; ao mesmo tempo, é co-editor/colaborador de revistas de poesia e, finalmente, membro de um casamento inter-racial.

Tudo isso serve para demonstrar que é exigido um elevado grau de violência/sofrimento para transformar um tal homem em alguém capaz de desejar a atomização de Calcutá. E refiro especificamente homem, pois neste livro, onde a vilã é uma deusa, são as mulheres quem tem o papel mais racional. Enquanto Luczak se entretém com poesias da elite intelectual de Nova Iorque, que facilmente antevemos vácuas e açucaradas, a sua mulher Amrita move-se no reino do cálculo puro e das abstracções matemáticas.

Enquanto ele é o homem ocidental, multiculturalista por princípio, mas não por experiência, ela carrega em si as cicatrizes da amarga realidade. Um dos momentos definidores da obra, um dos momentos onde a máscara é rompida pelos dígitos curiosos do autor, é aquele em que Robert e Amrita são recebidos em casa de Chatterjee, e este pretende convencer Luczak das platitudes beatíficas de que são as cidades, e não as culturas, que provocam o mal no coração do Homem. Luczak, embrenhado no pensamento politicamente correcto, multiculturalista que tomou de assalto as faculdades de Letras Americanas e Francesas na sequência do tenebroso Maio de 68, não consegue rebater-lhe os argumentos e está pronto a ceder, quando Amrita intervém, denunciando situações específicas e típicas da Índia.

A impressão de ambiguidade apenas nos assalta porque Simmons — esse mestre da palavra e da narrativa — não nos permite nunca sair da perspectiva de Luczak. E, quando Luczak, o humanista, crente na intrínseca bondade humana, se vê confrontado com uma cultura primitiva e brutal, que não compreende, não possui instrumentos intelectuais que lhe permitam descodificar aquilo que vê. E Simmons é soberbo, introduzindo o sobrenatural apenas em circunstâncias dúbias: Das é um leproso ou um cadáver ressuscitado? O ritual no Kalimat foi presenciado sob o efeito de drogas ou de mera sugestão? A estátua de Kali ganhou realmente vida, ou tratou-se de uma alucinação provocada pela forte pancada na cabeça?

E aprecie-se a saborosa ironia de que Luczak nunca leva Amrita consigo, quando ela — que o acompanha sob a máscara de tradutora — pode-

ria ter-lhe interpretado a realidade e evitado a dor e o sofrimento. Poderia tê-lo ajudado a rasgar o manto de mentiras — de mentiras culturais — que cobre o rosto da verdade, permitindo-lhe descobrir aquele que é sempre o culminar do Horror: a compreensão de que estamos irremediavelmente ligados à terrível natureza do mundo em que vivemos, um mundo que nos encara com total indiferença.

A Canção de Kali é, assim, um magnífico retrato do choque de culturas, um derrubar nitzcheano de ídolos com pés de barro; e como Simmons se diverte pontapeando os pés dos ídolos: antes de partir para a Índia, Abe Bronstein, procurando demovê-lo, conta-lhe que certa vez, em visita ao subcontinente, viu um rapazinho empalado nos reforços de aço de uma ponte em construção, supostamente por acidente. No entanto, procurando mais tarde um exemplar de um conto de Kipling — *The Bridge Builders* (1901) — apercebeu-se de que essa narrativa baseava-se no facto de que no final da construção de uma nova ponte, os Bengaleses celebravam uma cerimónia religiosa na qual propiciavam um sacrifício humano. A resposta de Luczak é de que nunca leu esse conto. Detestava a prosa e a poesia de Kipling. O sacrifício que unge a ponte vai encontrar ecos sinistros nas provações de Luczak em torno do manuscrito de Das, que dá título ao livro; tal como as provações do autor Americano (cuja esposa, significativamente, vive em Londres e cuja filha não menos significativamente se chama Vitória, como a rainha) ecoam a obra de Kipling (particularmente a obra prima, também de 1901, que é *Kim*), muito especialmente a sua noção de que nenhum direito é inato, e de que o comboio, símbolo do progresso tecnológico, é ao mesmo tempo instrumento de libertação (pode ajudar a derrubar o sistema de castas) e de opressão (pois as carruagens fechadas permitem uma maior segregação num sistema de castas). A escolha é sempre humana, e é na escolha humana que assenta o sentido a dar ao mundo. Kipling foi dos primeiros a compreender que a ficção é um poderoso instrumento de revelação da verdade, noção que Simmons transformou em pedra de toque da sua obra: com efeito, para Kipling, a linguagem começa com a mentira (Stephen R. L. Clark, *Alien Dreams: Kipling*). “Ninguém no mundo sabia o que era a verdade até alguém ter contado uma história” (*Fiction in A Book of Words*).

Portanto, suprema ironia a de que Luczak não tenha lido *The Bridge Builders*. Nesse conto, uma grande cheia do Ganges deixa um dos engenheiros encarregados da construção de uma enorme ponte, em companhia de um servo Lascar, isolado num banco de areia. Aí assiste, como num sonho, à conversa travada pelos deuses da Índia sobre a sua ponte. Os deuses dividem-se: A Mãe Ganges e Kali querem ver a ponte destruída; Hanuman e Ganesh consideram que aqueles humanos que apreciam o luxo e as ma-

quinarias são, indirectamente, adoradores dos deuses. A discussão embrenha-se pelos caminhos da sobrevivência dos próprios deuses, até Shiva (do qual Kali é também uma encarnação/manifestação) os tranquilizar assegurando-lhes que a sua existência está assegurada enquanto Brahm sonhar, o que o servo Lascar interpreta como significando que os deuses são um sonho do engenheiro.

Se o engenheiro sonha os deuses, um poeta como Luczak pode apenas sonhar um poema de tal poder que corrompe a alma humana... que o corrompe a si próprio e que, conseqüentemente, põe em perigo aqueles que ama.

Daí, também, advém o grande poder do manuscrito, de *A Canção de Kali*. Ao contrário dos típicos “objectos de poder” da literatura de fantasia (anéis, espadas mágicas, manuscritos repletos de runas, ou códigos daVincianos), o poder de *A Canção de Kali* é o poder das ideias, o poder de influenciar o comportamento dos homens para o bem ou para o mal.

E daí a força do duplo clímax da novela: a impossibilidade de fazer o que quer que seja contra os assassinos da filha de Luczak e Amrita (mais uma nota de realismo que viola as convenções); e a recusa de Luczac em ceder ao canto de Kali, juntando-se à espiral de violência.

Tal como Kim, Luczak apenas uma vez segura uma arma, e nenhum dos dois chega a utilizá-la para matar quem quer que seja. Luczac é Kim actualizado para o século XX.

E, posto tudo isto, caro leitor, nada do que acima se disse interessa, como nunca nenhum prefácio interessou: *A Canção de Kali* ecoa sinistra pelas cidades do homem, os tigres desaparecem na selva, o mundo veste um novo manto com o qual camufla a sua natureza, e Brahm continua a sonhar, ignorando que todos nós precisamos que desperte.

Vilar de Mouros
Janeiro de 2009

«... existe uma escuridão... em todos nós... Só alguns gregos, e os seus admiradores, nesse meio-dia líquido, quando a amizade do Belo pelas coisas humanas era perfeita, julgavam estar distintamente separados dela. Mas enganavam-se. De facto viviam no seu interior acompanhados por quem os admirava: com os nascidos da lama, colhidos pela fome, martelados pela guerra, sacudidos pelas ruas, penosos, sofredores, pontapeados na barri-ga, enfim, com toda essa multidão humana, triste e cartilaginosa, que habita sob o caos de Vesúvios sedentos de carvão, sempre a despe- jar fumo, ou no interior de Calcutás nocturnas e sulfurosas. Essa humanidade que tão bem sabe onde vive.»

—SAUL BELLOW

«Vejam, isto é o Inferno! E eu estou cá dentro!»

—CHRISTOPHER MARLOWE

Alguns lugares são demasiado maléficos para que lhes seja permitida a existência. Algumas cidades são demasiado perversas para que possam ser suportadas. Calcutá é um desses lugares. Antes de Calcutá, ria-me desta ideia. Antes de Calcutá, não acreditava no mal — pelo menos no mal enquanto força separada das acções dos homens. Antes de Calcutá, era um idiota.

Quando os romanos conquistaram Cartago, mataram os homens, reduziram as mulheres e as crianças à escravatura, derrubaram os grandes prédios, estilhaçaram as pedras, queimaram o entulho, salgaram a terra de modo a que nada mais pudesse voltar a crescer ali. Isto não chega para Calcutá. Calcutá deveria ser expugnada.

Antes de Calcutá participei em manifestações contra as armas nucleares. Agora sonho com cogumelos atómicos a levantarem-se sobre uma cidade. Vejo edifícios a derreterem-se em lagos de vidro. Vejo ruas pavimentadas a fluir como rios de lava e rios verdadeiros a ferver em cachões de vapor. Vejo figuras humanas a dançarem como insectos na brasa, corno obscenas louva-a-deus respingando e estoirando contra um fundo ígneo de destruição total.

A cidade é Calcutá. Os sonhos não são desagradáveis.

Alguns lugares são demasiado maléficos para que lhes seja permitida a existência.

CAPÍTULO UM

“Hoje em dia tudo acontece em Calcutá...
De quem é a culpa?”

— SANKHA GHOSH

— Não vás, Bobby... — disse o meu amigo. — Não vale a pena.

Estávamos em Junho de 1977 e eu viera de New Hampshire até Nova Iorque para acertar os pormenores com o editor da Harper's, relativamente à minha próxima viagem a Calcutá. Quando terminei, decidi visitar o meu amigo Abe Bronstein. Após tantas horas passadas a espreitar das alturas rarefeitas dos escritórios de Madison Avenue, o escritorzinho onde se localizava a nossa pequena revista literária, Other Voices, parecia de pouca monta.

Abe encontrava-se sozinho no gabinete atravancado, a preparar o número outonal da Voices. Embora as janelas estivessem abertas, o ar no interior do gabinete era tão húmido e bafiento como o charuto defunto que Abe mastigava.

— Não vás a Calcutá, Bobby — repetiu Abe. — Manda outra pessoa.

— Ora, Abe, está tudo pronto — respondi-lhe —, partimos na próxima semana... — hesitei um instante. — Vão pagar-me muito bem e cobrir todas as despesas.

— Hummm... — Abe mudou o charuto para o outro lado da boca, franzindo o sobrolho perante a pilha de manuscritos que se encontrava à sua frente. Ao olhar para este homenzinho suado e desgrenhado, mais parecido com a imagem de um corretor de apostas assolado de trabalho — ninguém poderia imaginar que era o editor de uma das mais prestigiadas «pequenas» revistas literárias do país. Em 1977, Other Voices ainda não eclipsara a velha Kenyon Revue ou obrigara a gente da Hudson Review

a preocupar-se com a competição. Mesmo assim, continuávamos a publicar trimestralmente, graças aos assinantes. Cinco dos contos publicados na *Voices* tinham sido escolhidos pela antologia dos prémios O'Henry; Joyce Carol Oates oferecera-nos uma história para o nosso décimo aniversário. Já fui diversas vezes o assistente editorial da revista, redactor da secção de poesia e revisor de provas a título gracioso. Agora, depois de um ano de ausência para pensar e escrever entre as colinas do New Hampshire, e já com um livro de poemas recém-publicado, não era mais do que um estimado colaborador. Mesmo assim, não deixava de considerar a *Voices* como a nossa revista. E Abe Bronstein, um grande amigo.

— Por que raios te escolheram a ti, Bobby? — perguntou Abe. — Por que é que a Harper's, já que a viagem é tão importante ao ponto de querer pagar todas as despesas, não manda antes um dos seus especialistas?

Abe não deixava de ter razão. Em 1977, pouca gente havia que tivesse ouvido falar deste vosso Robert C. Luczak, embora *Winter Spirits* merecesse as honras de meia coluna de crítica no *Times*. Mesmo assim, o que as pessoas sabiam de mim, especialmente aquela centena que contava, era prometedora.

— A Harper's lembrou-se de mim por causa do artigo que publiquei na *Voices* no ano passado. Lembras-te, aquele sobre a poesia Bengali? Até comentaste que eu tinha falado de mais do Rabindranath Tagore.

— Sim, estou a ver... O que me espanta é que esses parvalhões da Harper's saibam quem é o Tagore.

— Foi o Chet Morrow quem me contactou. Disse-me que tinha ficado muito impressionado com o artigo. — O que não contei ao Abe é que o Morrow não se recordava sequer do nome do Tagore.

— Chet Morrow? — grunhiu Abe. — Não é aquele tipo que está a fazer novelizações de séries da TV?

— Agora trabalha como assistente temporário da Harper's. Quer o artigo sobre Calcutá no número de Outubro.

Abe sacudiu a cabeça: — E o que é que vais fazer à Amrita e à Elizabeth Regina?

— O nome dela é Victoria... — corrigi-o. Abe sabia perfeitamente como a miúda se chamava. Quando lhe disse pela primeira vez o nome que tínhamos escolhido para dar à nossa filha, Abe concordou que se adequava perfeitamente à filha de uma princesa indiana e de um polaco de Chicago. Este meu amigo era um modelo de delicadeza. Tinha mais de 50 anos, e ainda vivia com a mãe, no Bronx. Dedicava-se em exclusivo à publicação da *Voices*, parecendo ignorar tudo o que não dissesse directamente respeito à revista. Certo Inverno, quando o aquecimento do escritório se avariou, passou a maior parte de Janeiro a trabalhar aqui, embrulhado no casaco de lã,

antes de lhe passar pela cabeça mandar arranjá-lo. Nestes últimos tempos, a maior parte das relações de Abe com as outras pessoas eram feitas pelo telefone ou por carta, mas nem por isso os seus comentários deixavam de ser mordazes. Não era difícil perceber-se por que é que não tinha conseguido arranjar ninguém que me substituísse no lugar de assistente editorial ou de editor na secção de poesia.

— Chama-se Victoria... — repeti.

— Ou isso. O que é que a Amrita acha de a abandonares a ela e à filha? Que idade tem a miúda? Um par de meses?

— Sete.

— Que raio de altura para ires à Índia... — comentou Abe.

— A Amrita vai comigo. E a Victoria também. Consegui convencer o Morrow que a Amrita podia traduzir-me o bengali. — O que não era propriamente verdade. Foi Morrow quem sugeriu que a Amrita me acompanhasse. O mais provável era que o nome dela fosse responsável pela minha escolha. A Harper's contactara três autoridades em literatura bengalesa, dois deles escritores indianos residentes nos Estados Unidos, antes sequer de pensar em mim. Todos os três recusaram, mas o último mencionou o nome de Amrita — embora o campo dela fossem as matemáticas, não a literatura — de modo que Morrow aproveitou a deixa. «Ela fala ou não fala bengali?», perguntou-me pelo telefone. «Claro», respondi-lhe. De facto, Amrita falava tAMIL, um pouco de punjabi, tão bem como o alemão, o russo e o inglês, mas bengali não. Mas vem tudo dar ao mesmo, pensei.

— E a Amrita, quer ir? — perguntou Abe.

— Não quer ela outra coisa. Nunca mais foi à Índia desde que o pai mudou toda a família para a Inglaterra, quando ela tinha sete anos. Amrita pensa passar alguns dias em Londres, a caminho da Índia, de modo que os pais possam conhecer a neta. — Pelo menos esta última parte era verdade. Amrita não queria ir para Calcutá com a bebé até que a convenci que isso era importante para a minha carreira. A passagem por Londres fora, contudo, o factor decisivo.

— Pronto! — resmungou Abe. — Vai lá para Calcutá. — Mas o tom de voz fez-me sentir o que pensava da ideia.

— Explica-me porque é que não gostas da ideia.

— Mais logo. Agora conta-me tudo sobre esse tal Das de que o Morrow anda a falar. O que eu gostava de saber é por que é que tu queres que eu reserve metade da edição de Abril da Voices, para mais coisas escritas por esse Das. Detesto reedições, e não há dez linhas dos seus versos que não tenham já sido publicadas e republicadas ad nauseum.

— Do Das, sim — respondi. — Mas nada de reedições. O material é diferente.

— Conta.
E eu contei.

— Vou a Calcutá encontrar-me com o poeta Das. Encontrá-lo, falar com ele e trazer de volta amostras dos novos trabalhos com vista a publicação.

Abe pôs-se a olhar para mim: — Uh-uh. Nem penses. O Das morreu. Morreu há seis ou sete anos. Em 1970, acho eu.

— Em Julho de 1969 — respondi, mal conseguindo esconder um traço de presunção na minha voz. — Desapareceu em Julho de 1969, quando voltava do funeral do pai, ou melhor, da cremação, numa terrinha do Paquistão leste, (agora chama-se Bangladesh), de modo que toda a gente julgou que tinha sido assassinado.

— Pois, estou a lembrar-me. Estava a passar uns dias contigo e com a Amrita no vosso apartamento de Bóston, quando a Liga dos Poetas de New England promoveu uma leitura pública dos seus poemas. Tu até leste umas coisas do Tagore, e excertos do poema épico do Das sobre, como é que ela se chama, a freira, a Madre Teresa.

— Até lhe dediquei duas partes do meu Ciclo de Chicago... Mas fomos todos um tanto ou quanto prematuros, não achas? Das voltou à superfície em Calcutá, ou pelo menos apareceu parte da sua nova poesia e correspondência. A Harper's conseguiu arranjar algumas amostras através de uma agência indiana com quem eles trabalham. Além disso, pessoas que o conheceram garantem que a poesia é genuína. Só que ninguém o viu pessoalmente. A Harper's quer que eu arranje alguns dos seus novos trabalhos, só que a orientação do artigo vai ser qualquer treta no género de «Em Busca de M. Das». Agora, eis as boas notícias. A Harper's tem direito a publicar todos os textos de que eu conseguir os direitos, mas aqueles que ela recusar podemos publicá-los na Voices.

— As migalhas... — resmungou Abe, sempre a mastigar o charuto. Após tantos anos a lidar com Bronstein, já me conformei com este tipo de entusiástica gratidão. Por isso não disse mais nada até ele voltar a dirigir-me a palavra.

— Bobby, e onde é que raio esteve Das durante todo este tempo?

Encolhi os ombros e atirei-lhe com uma página fotocopiada que Morrow me dera. Abe inspeccionou-a, de perto e à distância, virou-a de lado e atirou-ma de volta.

— Desisto — disse ele. — Que merda vem a ser esta?

— Isso aí é um fragmento de um novo poema que Das supostamente escreveu nestes últimos dois anos...

— Em que é que está escrito? Em hindi?

— Não, em sânscrito e bengali, na sua maior parte. Aqui está a tradu-

ção inglesa. — Passei-lhe a outra fotocópia.

A testa suada de Abe enrugou-se à medida que lia: — Céus, Bobby, é para isto que tu queres que eu reserve o número da Primavera? Sobre uma gaja a foder à canzana enquanto bebe o sangue de um homem decapitado? Ou será que não percebi nada?

— Andas por perto. Mas olha que se trata apenas de umas poucas estrofes desse fragmento. E a tradução não é lá muito fiel.

— Julgava que os trabalhos do Das eram líricos e sentimentais. Um pouco no género dos do Tagore de que tu falas no artigo...

— Eram. E são. Não propriamente sentimentais mas esta palavra tinha-a usado muitas vezes para defender o Tagore. Que diabo, também me servia dela para defender o meu próprio trabalho

— Uh-huh. Optimista? Adoro esta parte optimista — Kama Rati Kamé/ viparita karé rati. De acordo com o tradutor, isto quer dizer: «Enlouquecidos pelo desejo, Kama e Rati fornicaram como cães.» Que queridos. Ora eis um poema de particular sensibilidade. Um pouco à moda do jovem Robert Frost, não achas?

— Parte dele apoia-se num canto tradicional bengali. Repara como Das respeita o ritmo da passagem. Passa do védico clássico para o bengali popular e volta de novo ao védico. Percebe-se que é um tratamento estilístico complicado, mesmo dando o desconto da tradução. — Calei-me. Estava apenas a repetir aquilo que Morrow me dissera, e ele próprio não fazia mais do que repetir o que lhe explicara um dos seus «peritos». Estava muito calor no escritório. Através das janelas escancaradas chegavam-nos aos ouvidos os ruídos embaladores do tráfego e, lá ao longe, aquilo que poderia ser o som reconfortante de uma sereia. — Tens razão — prossegui. — Isso não parece nada ser obra do Das. Custa a acreditar que esse texto pertença ao mesmo homem que escreveu a épica da Madre Teresa. A minha opinião é que Das não está vivo e que tudo isto é uma grande aldrabice. Mas não tenho a certeza, Abe.

Abe inclinou-se para trás na cadeira rotativa, fazendo-me crer, durante alguns instantes, que ia mesmo tirar da boca a beata do charuto. Em vez disso, franziu o sobrolho, rodou o charuto, primeiro para a esquerda, depois para a direita, recostou-se ainda mais, entrelaçando os dedos gordos por detrás da nuca.

— Bobby, já te contei o que se passou quando fui a Calcutá?

— Não. — Pestanejei surpreendido. Abe viajara um pouco por todo o mundo como jornalista, antes de ter escrito o primeiro romance, mas nunca costumava falar desses dias. Quando aceitou o meu trabalho sobre o Tagore, referiu vagamente que em tempos passara nove meses com Lord Mountbatten, em Burna. As histórias das suas aventuras como jornalista

eram raras, mas sempre interessantes. — Isso foi durante a guerra?

— Depois. Durante as revoltas hindu-muçulmanas pela partilha do território em 47. A Grã-Bretanha batia em retirada, cortando a Índia ao meio, e permitindo que os dois grupos religiosos se desfizessem um ao outro. Isto passou-se antes do teu tempo, não foi, Robert?

— Li as descrições, Abe. Foste a Calcutá cobrir as revoltas?

— Nada disso. Nessa altura, as pessoas não estavam mesmo nada interessadas em ler mais coisas sobre combates. Fui a Calcutá porque o Gandhi... o Mohandas, não a Indira... o Gandhi ia até lá e nós estávamos a cobrir-lhe a peregrinação. O Homem da Paz, o Santo em Tanga, enfim, essa treta toda. Bom, acabei por ficar em Calcutá durante cerca de três meses. — Abe fez uma pausa, enquanto passava a mão sobre o cabelo ralo. Parecia não conseguir achar os termos correctos. Nunca vi o Abe hesitar, um só segundo, quando se exprimia... fossem essas expressões escritas, faladas ou mesmo gritadas. — Bobby... — disse ele por fim — sabes o que significa a palavra miasma?

— Atmosfera venenosa — respondi-lhe. E acrescentei em seguida, para me armar: — Como as dos pântanos. Ou uma influência nociva. Provavelmente surgiu do termo grego miainein, que significa «poluir».

— Pois — concordou Abe, dando outra volta ao charuto, sem ter ligado nenhuma à minha modesta exibição. Abe Bronstein não esperava outra coisa do seu editor de poesia. — Bom, nessa altura, ou até mesmo agora, a única palavra que eu consegui encontrar que descrevesse a cidade foi... miasma. Não consigo pensar numa coisa sem me lembrar da outra.

— A cidade foi construída sobre um pântano — disse-lhe, ainda irritado. Não estou habituado a ouvir este tipo de disparates da parte do Abe. Imaginem se o vosso canalizador de confiança vos comesse subitamente a fazer uma prédica sobre astrologia. — Corre por lá a época das monções, e admito que esta não é a altura mais agradável para visitar Calcutá. Mas não acho que...

— Não estou a referir-me ao clima. Apesar dela ser um dos mais quentes, húmidos e miseráveis buracos infernais que já visitei. Pior do que Burma, em 43. Pior do que Singapura na época dos tufões. Céus, ainda pior do que Washington em Agosto. Não Bobby, que raio, não estou a falar-te do lugar. Havia ali qualquer coisa... como um miasma a pairar sobre a cidade. Nunca estive em qualquer outro lugar que parecesse tão maléfico ou horroroso, e olha que conheço as maiores cidades-esgoto do mundo. Calcutá assustou-me, Bobby...

Acenei com a cabeça. O calor despertara-me uma enxaqueca por detrás dos olhos: — Abe, acho que estiveste a perder tempo nas cidades er-

radas... — comentei num tom desprendido. — Experimenta ir passar um Verão ao norte de Filadélfia, ou na parte sul de Chicago, onde eu cresci. Comparada com isto, Calcutá é um parque de diversões.

— Como queiras... — respondeu Abe. Já não olhava para mim. — Se queres saber, não era apenas a cidade. Queria tanto sair dali, que o meu chefe de escritório, um infeliz de um schmuck que morreu de cirrose hepática um par de anos depois... bom, esse imbecil pediu-me que fizesse a cobertura da inauguração de uma ponte, algures num recanto miserável de Bengala. Olha que ainda nem sequer havia uma linha-férrea, só a porcaria da ponte a ligar um pedaço de selva a outro, a 180 metros de altura, sobre um rio que não tinha mais do que alguns centímetros de profundidade. Mas a ponte fora construída com a ajuda dos primeiros fundos de apoio do pós-guerra, enviados dos Estados Unidos, daí a razão porque me mandaram até lá. — Abe fez uma pausa e pôs-se a olhar pela janela. Algures lá em baixo, no meio da rua, chegaram-nos gritos furiosos em espanhol. Abe pareceu não ouvir nada. — Assim podes imaginar a chatice. Os engenheiros e os operários da construção já se tinham ido embora, e a inauguração foi a misturada político-religiosa que é hábito fazer-se na Índia. Como já era demasiado tarde para voltar de jipe nessa noite, e lembra-te de que eu não tinha pressa nenhuma de voltar para Calcutá, fiquei numa pensãozinha na orla da aldeia. Naturalmente, ela era tudo o que sobrava dos circuitos de inspecção britânica durante a época do Raj. Nessa noite fazia um calor de um raio, daqueles calores em que o suor nem sequer pinga, mas se cola à tua pele ou fica suspenso no ar; os mosquitos estavam a pôr-me completamente doido. Lá por volta da meia-noite, levantei-me e fui a pé até à ponte. Fumei um cigarro e, quando ia a voltar, se não fosse o brilho da lua, nunca teria dado por nada.

Abe arrancou o charuto da boca. Fez uma careta, como se soubesse tão mal como aparentava. — O miúdo não podia ter mais de 10 anos, talvez ainda mais novo. Tinham-no empalado numa barra de suporte que saía do pontão de cimento no lado oeste da ponte. Via-se perfeitamente que não tinha morrido logo; debatera-se durante algum tempo, enquanto a barra o trespassava...

— Andava a escalar a nova ponte?

— Foi o que eu pensei. Também foi isso o que as autoridades locais concluíram durante o inquérito. Mas juro-te que não faço a menor ideia como é que ele se podia ter espetado nas barras... Para que isso acontecesse teria de saltar lá do alto, das vigas de sustentação. Duas semanas depois, um pouco antes do Gandhi abandonar o jejum, e das revoltas terminarem em Calcutá, fui ao Consulado Britânico ver se encontrava um exemplar do conto de Kipling, *The Bridge Builders*. Leste-o, não leste?

— Não — respondi-lhe. Não suporto nem a poesia nem a prosa de Kipling.

— Mas devias. Olha que os contos dele são bastante bons.

— Diz lá do que é que trata a história.

— Bom, baseia-se no seguinte facto; sempre que uma ponte é construída, os Bengaleses costumam executar uma cerimónia religiosa bastante elaborada.

— Não é nenhuma novidade, pois não? — perguntei, pois já estava a perceber onde é que tudo aquilo ia dar.

— De facto não é — respondeu Abe. — Todos os acontecimentos passados na Índia exigem sempre um certo tipo de cerimónia religiosa. Mas Kipling inspirou-se num ritual particular dos Bengaleses. — Abe voltou a meter o charuto na boca e terminou com um ranger de dentes. — Logo que acabam de construir uma ponte, fazem um sacrificio humano.

— É isso mesmo. Porreiro. — Recolhi as fotocópias, enfihei-as na pasta, e levantei-me para me ir embora. — Olha, Abe, se te lembrares de mais histórias do Kipling, telefona-nos. A Amrita ia adorar ouvi-las.

Abe ergueu-se, apoiado na cadeira. Os dedos gordos comprimiram as pilhas de manuscritos. — Que raio, Bobby, preferia mil vezes que tu não fosses até...

— Ao miasma — concluí.

Abe acenou que sim.

— Prometo não me aproximar das pontes novas — disse-lhe, junto à porta.

— Pelo menos pensa duas vezes antes de levares a Amrita e a miúda contigo!

— Vamos todos, está decidido. As reservas já foram feitas. Deram-nos as vacinas. Resta apenas saber se queres as coisas do Das, se é que são do Das, por causa de tratar dos direitos. O que dizer, Abe?

Abe acenou outra vez. Depois, atirou o charuto para o cesto atafalhado de papéis.

— Mando-te um postal com uma fotografia da piscina do Grande Hotel Oberoi — disse-lhe, à guisa de despedida, enquanto abria a porta.

A última vez que vi Abe foi ali mesmo, de pé, com o braço e a mão estendidos, algures entre um meio adeus e um gesto mudo de cansada resignação.

CAPÍTULO DOIS

“Queres conhecer Calcutá?
Então prepara-te para a esqueceres.”

— SUSHIL ROY

Na noite anterior à partida, sentei-me com Amrita na varanda da frente, enquanto ela dava de mamar à bebé. Pirlampos cintilavam crípticas mensagens contra a linha escura das árvores. Grilos, rãs arborícolas e alguns pássaros nocturnos, teciam à nossa volta toda uma tapeçaria neutra de ruídos de fundo. Vivíamos apenas a algumas milhas de Exeter, New Hampshire, mas, por vezes, este lugar parecia tão calmo, que era como se estivéssemos num outro mundo. Esta solidão tinha-me dado jeito durante a minha escrita de Inverno, mas agora inquietava-me. Em parte, foram estes meses de isolamento que me levaram a querer viajar, ver outros lugares e rostos estranhos.

— Queres mesmo ir? — perguntei-lhe, mas a minha voz soou demasiado alto na calma da noite.

Amrita levantou a cabeça logo que a miúda acabou de mamar. A claridade pálida que emanava da janela iluminava-lhe as maçãs elevadas do rosto e a tonalidade castanha da pele. Os olhos negros pareciam brilhar. Havia alturas em que Amrita parecia tão bela que eu sofria só de pensar na possibilidade de nunca nos termos encontrado, casado, ou tido esta filha. Amrita levantou Victoria, desvendando um pouco da curvatura suave do seio e do mamilo inchado antes de voltar a abotoar a camisa.

— Não me importo. Vai ser bom voltar a ver o Pai e a Mãe.

— Mas ir à Índia? — disse-lhe. — E a Calcutá? Também queres?

— Não tem importância, desde que te possa ajudar. — Amrita pôs-me sobre o ombro uma fralda lavada e dobrada, e passou-me a Victoria para as mãos. Fiz-lhe festas nas costas, sentindo-lhe o calor do corpo, que cheirava a leite e ao que cheiram os bebés.

— Tens a certeza de que isso não vai interferir no teu trabalho? — perguntei-lhe. Victoria começou a torcer-se no colo, estendendo uma mão roliça para o meu nariz. Soprei-lhe na palma, e ela riu-se e depois arrotou.

— Não há problema nenhum — respondeu Amrita, embora eu soubesse perfeitamente que tinha. Estava para dar um curso de Matemática de pós-graduação na Universidade de Bóston logo a seguir ao Dia do Trabalho, e isso era um esforço que exigia uma longa preparação.

— Estás ansiosa por ver a Índia outra vez? — perguntei-lhe. Entretanto, Victoria encostara a cabeça à minha bochecha e salivava-me alegremente o colarinho.

— Pelo menos tenho curiosidade em compará-la com as minhas recordações. — A voz de Amrita era suave, modulada por três anos em Cambridge, mas sem nunca chegar aos tons untuosos dos ingleses. Escutá-la era como ser acariciado por uma palma de mão firme, mas bem oleada.

Amrita tinha sete anos de idade quando o pai mudou a firma de engenharia de Nova Deli para Londres. As memórias da Índia que ela partilhara comigo confirmavam o estereótipo de uma cultura assolada de ruídos, confusão e discriminação social entre as castas. Não havia nada que fosse tão contrário ao carácter de Amrita. Ela era a própria essência da dignidade calma, desprezava o barulho e todo o tipo de promiscuidades, a injustiça afligia-a, e a sua mente fora disciplinada pelos ritmos ordenados da linguística e das matemáticas.

Em tempos, Amrita descreveu-me a casa de Deli e o apartamento do tio em Bombaim, onde ela e as irmãs iam passar o Verão: paredes nuas, incrustadas com a gordura de antigas impressões digitais, janelas sempre escancaradas, lençóis grosseiros, lagartos a esgueirarem-se à noite, pelas paredes, enfim, tudo mesquinho e atravancado. Quanto à nossa casa, perto de Exeter, era tão limpa e arejada como o sonho de um arquitecto escandinavo, toda ela feita de madeiras envernizadas, cadeiras modulares confortáveis, paredes imaculadamente brancas e peças de arte iluminadas por focos indirectos.

Foi o dinheiro de Amrita que tornou possível tanto a casa como a nossa pequena colecção de arte: o «dote», como ela costumava chamar-lhe na brincadeira. A princípio protestei. Em 1969, no primeiro ano do nosso casamento, o meu rendimento anual era de 5732 dólares. Despedira-me do cargo de professor na Universidade de Wellesley e estava a escrever e a editar a tempo inteiro. Nesses tempos, vivíamos em Bóston, num apartamento onde os próprios ratos eram obrigados a caminhar dobrados. Não me importava. Estava disposto a sofrer em nome da arte. Não era o caso da Amrita. Nunca punha nada em causa; concordava com tudo o que eu lhe dizia sobre o modo como os seus investimentos deviam ser utilizados. Mas, em 1972, deu o dinheiro para a entrada da casa e para o terreno de quatro

acres, e comprou o primeiro dos nossos nove quadros, um pequeno esboço a óleo, feito por Jamie Wyeth.

— Já está a dormir. Podes deixar de embalá-la.

Baixei os olhos e vi que tinha razão. Victoria estava pegada no sono, punhos meios cerrados. Respirava depressa e com suavidade, contra o meu pescoço. Continuei a embalá-la.

— Levamo-la para dentro? — perguntou Amrita. — Está a arrefecer.

— Só mais um bocadinho — respondi. Reparei que a minha mão era maior do que as costas da bebé.

Tinha 35 anos quando a Victoria nasceu; Amrita 31. Durante muito tempo, disse a quem me quis ouvir, e mesmo àqueles que não queriam, tudo o que pensava acerca do disparate que era educar um filho nos dias de hoje. Falei-lhes na explosão demográfica, da injustiça de se submeter os jovens aos horrores do século XX, da loucura de permitir o nascimento de uma criança indesejada. Uma vez mais, Amrita nunca discutiu comigo, apesar de, se quisesse, treinada como estava no exercício da lógica formal, poder demolir, em dois minutos, todos os meus argumentos. Então, lá pelos meados de 1976, durante as eleições do nosso Estado, Amrita deixou unilateralmente de tomar a pílula. A nossa filha Victoria nasceu a 22 de Janeiro de 1977, dois dias depois de Jimmy Carter voltar à Casa Branca após a cerimónia de inauguração do mandato presidencial.

Se fosse eu a escolher, nunca teria optado pelo nome de «Victoria», mas digo-vos que fiquei secretamente encantado com ele. Amrita sugeriu-o pela primeira vez, num dia quente de Julho, em jeito de brincadeira. A verdade é que uma das suas primeiras memórias consistia na chegada à estação de caminhos-de-ferro Victoria, em Bombaim. Esse edifício imenso, um dos poucos representantes da época do Raj e que, evidentemente, ainda hoje define a Índia, sempre dera à Amrita uma sensação de espanto maravilhado. Desde então, o nome Victoria evocava nela um eco de beleza, elegância e mistério. Foi por isso que começámos a chamar Victoria à criança, até que, no Natal de 1976, já sabíamos que não era possível, caso fosse rapariga, dar-lhe outro nome que não fosse este.

Antes da Victoria aparecer, costumava troçar daqueles casais que ficavam lobotomizados mal lhes nascia o primeiro filho. Pessoas perfeitamente inteligentes, com quem se podia conversar sem fim sobre política, prosa, a morte do teatro, ou o declínio da poesia, passavam de súbito a babar-se todos perante o primeiro dentinho do menino, ou perdiam horas a partilhar connosco todos os fascinantes pormenores do primeiro dia de escola da sua Heather. Jurei que nunca iria cair nessa.

Mas com a nossa filha o caso era diferente. O desenvolvimento da Victoria merecia os estudos de qualquer um. Descobri-me então fascina-

do pelos seus primeiros ruídos e movimentos desajeitados. Mesmo o acto repugnante da mudança das fraldas podia ser delicioso, no momento em que a minha filha — a minha filha — abanava os bracinhos e olhava para mim, com um ar que eu supunha de devoto apreço, ao pensar que este seu pai, um poeta publicado, se dignava a executar uma tarefa tão mundana só por causa dela. Quando, ao fazer sete semanas, nos abençoou, certa manhã, com o seu primeiro sorriso, telefonei logo ao Abe para lhe dar as boas novas. E Abe, que era sabido nunca se levantar antes das dez e meia da manhã, tanto como era famoso pelo seu estilo, congratulou-me, explicando-me, com toda a delicadeza de que era capaz, que eu lhe tinha telefonado às 5.45 horas da madrugada.

Agora que Victoria tinha sete meses de idade, ainda era mais evidente que se tratava de uma criança sobredotada. Aprendera a brincar à «onde é que a galinha põe o ovo» há menos de um mês, e às escondidas, algumas semanas antes disso. Já gatinhava aos seis meses e meio, sinal garantido de alta inteligência, apesar da Amrita afirmar precisamente o contrário. Por isso, não me ralava mesmo nada que todas as tentativas de locomoção da Victoria fossem sempre às arrecuas. Em cada dia que passava, víamos fortalecidas as suas habilidades linguísticas, e, embora eu ainda não tivesse conseguido apanhar-lhe nada que se parecesse com papá ou mamã na algarviada de sílabas (mesmo quando punha as fitas gravadas a meia velocidade), Amrita garantia-me, com um sorriso de través, que já lhe ouvira dizer diversas palavras em russo e alemão, e até mesmo uma frase completa em hindi. Enquanto isso, lia-lhe em voz alta todas as noites, alternando as histórias da Mamã Ganso com Woodsworth, Keats, e fragmentos judiciosamente escolhidos dos Cantos, de Erza Pound. De todos, acho que preferia o Pound.

— Vamos para a cama? — perguntou Amrita. — Temos de nos levantar cedo amanhã.

Havia algo na voz da Amrita que me despertou a atenção. Em certas alturas dizia-me: «Vamos para a cama», e noutras Vamos para a cama. Desta vez era o segundo caso.

Levei a Victoria até ao berço e aconcheguei-a. Fiquei ali de pé, durante um minuto, a vê-la dormir, deitada de barriga para baixo, sob a manta leve, rodeada pelos bichos de peluche, cabeça encostada ao resguardo. Os raios da lua cobriam-na como uma bênção.

Pouco depois descí as escadas, tranquei a casa, desliguei as luzes, voltei a subir até junto de Amrita, que me esperava na cama.

Mais tarde, nos derradeiros segundos enquanto fazíamos amor, olhei o rosto dela como se procurasse respostas para perguntas que ainda não tinham sido feitas, mas uma nuvem cobriu a Lua e tudo se perdeu na súbita escuridão.

CAPÍTULO TRÊS

“À meia-noite, esta cidade transforma-se na Disneylândia.”

— SUBRATA CHAKRAVARTY

Aproximámo-nos de Calcutá à meia-noite, vindos do Sul, sobre a baía de Bengala.

— Meu Deus! — sussurrei. Amrita encostou-se a mim para espreitar pela escotilha.

Aconselhados pelos pais dela, voámos na BOAC até Bombaim, para passarmos na alfândega. Tudo correu às mil maravilhas, mas o voo para Calcutá, pela Air India, atrasou-se durante três horas devido a problemas técnicos. Finalmente, permitiram-nos embarcar, mas acabámos por ficar sentados no terminal durante mais outra hora, sem luzes e ar condicionado, porque os geradores externos tinham sido desligados. Um comerciante, na fila à frente da nossa, explicou-nos que o voo Bombaim-Calcutá estivera sempre atrasado todos os dias, nas três últimas semanas, por causa de uma animosidade entre o piloto e o engenheiro de terra.

Depois, a meio caminho, desviaram-nos muito para o sul da nossa rota, por causa de fortes tempestades. Victoria fez birra durante a maior parte do tempo, mas felizmente dormia agora nos braços da mãe.

— Meu Deus! — repeti. Calcutá estendia-se lá em baixo, 402 quilómetros quadrados de cidade, como uma galáxia de luzes, depois da escuridão absoluta da cobertura de nuvens e da baía de Bengala. Já voei à noite sobre muitas cidades, mas nenhuma era como esta. Em vez da habitual geometria das luzes eléctricas, Calcutá, à meia-noite, apresentava-se incendiada por incontáveis lanternas, fogueiras descobertas, e por um estranho e suave fulgor, quase uma fosforescência fungal, que emanava de um número indeterminado de fontes invisíveis. Em lugar da esperada progressão urbana de linhas rectas, estradas, auto-estradas, parques de estacionamento, a mi-

riade de fogos de Calcutá pareciam-me caóticos e dispersos, uma mistura constelada, que a curvatura negra do rio quebrava, aqui e ali. Imaginei que seria assim que Londres e Berlim deveriam ter parecido, a arder, durante a guerra, às aterradas tripulações dos bombardeiros.

Então, as rodas tocaram no solo, a terrível humidade invadiu a frescura da cabina e vimo-nos no exterior, no meio de uma multidão que se acotovelava, junto ao chek-in das bagagens. O terminal do aeroporto era pequeno e imundo. Apesar do adiantado da hora, uma massa suada de seres humanos empurrava-se e gritava à nossa volta.

— Não era suposto virem-nos buscar? — perguntou Amrita.

— Era. — Tinha acabado de salvar as quatro malas das garras do tapete rolante avariado, e fazia-lhes agora guarda, enquanto a corrente da multidão se escoava no sentido contrário. Havia como que uma sensação de histerismo nas pulsações desta humanidade vestida de saris e de camisas brancas. — O Morrow contactou o Sindicato dos Escritores de Bengala. Um sujeito chamado Leonard Chatterjee devia dar-nos boleia até ao hotel, mas nós chegámos muito atrasados. Naturalmente foi-se embora. Vou ver se arranjo um táxi.

Mas bastou dar uma vista de olhos à porta apinhada de homens que gritavam e se acotovelavam, para mudar de ideias e resolver continuar junto da bagagem.

— Sr. e Sra. Luczak? Robert Luczak?

— Loo-zack — respondi automaticamente, corrigindo a pronúncia. — Sim, sou Robert Luczak. — Examinei o homem que abrira caminho até nós aos encontrões. Era alto e magricela, vestia umas calças de um castanho sujo e uma camisa branca que parecia cinzenta e manchada, sob a luz fluorescente. O rosto era relativamente jovem e bem barbeado, talvez próximo dos 30 anos. Mas o cabelo espigava-se em enormes tufos eléctricos e os olhos, negros e perfurantes, davam-lhe tal intensidade, que chegava às raias de uma sensação de violência sustida. As sobrancelhas eram como duas grossas pinceladas que se reuniam junto da cana de um nariz parecido com o bico predatório de um falcão. Recuei um passo e deixei cair a mala que segurava, para estender a mão direita: — Sr. Chatterjee?

— Não, não sei do Sr. Chatterjee — estridulou ele. — Chamo-me M. T. Krishna. — Devido ao barulho e à cerrada canção do dialecto, pareceu-me ouvi-lo dizer: Empty Krishna.

Estendi a mão, mas Krishna já me virara as costas, conduzindo-nos para o exterior do aeroporto. Servia-se da mão direita para afastar as pessoas.

— Por aqui, por favor. Rápido, rápido.

Fiz um sinal a Amrita e peguei em três das malas. Parecia impossível,

mas Victoria continuava a dormir no meio de todo este caos e calor.

— Você pertence ao Sindicato dos Escritores? — perguntei-lhe.

— Não, não, não — respondeu Krishna sem sequer voltar a cabeça. — Só escrevo em part-time, percebe? Mas tenho algumas ligações com a Fundação Americana para a Educação na Índia. O meu chefe, Sr. Shah, foi contactado pelo seu querido amigo de longa data, Sr. Abraham Bronstein, da cidade de Nova Iorque, que lhe pediu que eu lhe fizesse este favor. Rápido.

Lá fora, o ar parecia ainda mais denso e húmido do que na estufa do terminal. Holofotes iluminavam um dístico prateado colocado sobre as portas. — «Aeroporto Dum-Dum» — li em voz alta.

— Sim, sim. Era aqui que fabricavam essas balas até elas serem proibidas depois da Guerra Mundial Número Um — explicou Krishna. — Por aqui, por favor...

De súbito, vimo-nos cercados por dúzias de carregadores que exigiam aos gritos querer transportar as nossas poucas bagagens. Os homens eram magros como canas, de pernas nuas, vestidos com farrapos castanhos. Um era maneta. Outro, parecia queimado por um fogo terrível: o queixo estava soldado ao pescoço por veios de cicatrizes enormes. Era evidente que não podia falar, mas, mesmo assim, sons ansiosos gorgolejavam-lhe na garganta arruinada.

— Dêem-lhes as vossas malas! — ralhou Krishna. Depois, com um gesto imperioso, apontou para os carregadores que galgavam uns sobre os outros para as agarrar.

Tivemos de caminhar cerca de vinte metros ao longo da curvatura da estrada. O ar pesava com tanta humidade, tão escuro e denso como um cobertor do exército ensopado. Durante um segundo de confusão, julguei que nevava, pois o ar parecia cheio do rodopio de milhares de flocos brancos. Só então percebi que se tratava de um milhão de insectos, que dançavam sob os focos luminosos do terminal. Krishna fez um sinal aos carregadores, apontou para um veículo, e eu parei, surpreendido.

— Um autocarro? — exclamei, embora a carrinha azul e branca fosse mais um minibus do que um autocarro de pleno direito. A inscrição USEFI estava impressa num dos lados.

— Sim, sim, sim. Era o único transporte disponível. Rápido, vamos.

Um dos carregadores, ágil como um macaco, escalou pelas costas da carrinha até ao telhado. As nossas quatro malas foram levantadas e amarradas à grelha da bagagem. Enquanto passavam sobre elas tiras de plástico, perguntei a mim mesmo por que é que não as tinham enfiado connosco no interior da carrinha. Encolhi os ombros, puxei de duas notas de cinco rupias para dar aos carregadores. Krishna tirou-mas da mão e entregou-lhes só uma.

— Não. É de mais — explicou-me. Encolhi de novo os ombros e ajudei Amrita a entrar, Victoria acordara com as exclamações agitadas dos carregadores e juntava agora o seu choro à confusão geral. Cumprimentámos, com um sinal de cabeça, o condutor sonolento, e fomo-nos sentar na segunda fila à direita. Junto à porta, Krishna discutia ainda com os carregadores. Amrita pouco percebia da torrente de palavras proferidas em bengali, mas apanhou o suficiente para me dizer que os carregadores estavam muito preocupados porque não conseguiam dividir cinco rupias em três partes iguais. Por isso, exigiam outra rupia, Krishna berrou-lhes qualquer coisa e tentou fechar a porta da carrinha. O carregador mais velho, com o rosto traçado por um labirinto de rugas profundas, aqui e ali florestadas por tufos de brancura, subiu o degrau e travou com o corpo o fole da porta. Enquanto isso, outros carregadores aproximavam-se da carrinha, vindos das portas do terminal. Os gritos transformaram-se em urros.

— Por amor de Deus — disse a Krishna —, aqui tem, dê-lhe mais algumas rupias. Vamos embora daqui!

— Não! — O olhar de Krishna desviou-se na minha direcção e reparei que a violência que lá havia já não se encontrava sob controlo. Tinha aquela expressão de entusiasmo que se costuma encontrar nos rostos dos homens durante um desporto sangrento. — É demasiado — terminou com firmeza.

Havia agora uma turba de carregadores colada contra a porta. De súbito, mãos começaram a martelar nas paredes da carrinha. O motorista pouco mais fazia do que mexer-se no lugar, nervoso, e ajustar o boné. O velho que bloqueava a porta apoiou-se no degrau inferior, como se estivesse prestes a entrar, mas Krishna encostou-lhe três dedos ao peito e empurrou. O velho caiu de costas sobre o mar de formas castanhas.

Dedos nodosos vieram agarrar-se à janela parcialmente aberta do lado de Amrita, enquanto o carregador que tinha o rosto queimado, se pendurava como se estivesse a fazer exercícios de elevação. Apenas a centímetros das nossas caras, víamos-lhe o destorcer convulsivo da boca, onde a língua já não existia. Saliva veio esparrinhar-se contra o vidro coberto de pó.

— Que raio, Krishna! — Levantei-me com intenções de dar mais dinheiro aos carregadores. Mas nesse preciso momento apareceram, vindos das sombras, três polícias. Usavam capacetes brancos, cintos «Sam Browne» e calções de caqui. Dois deles traziam cacetes lathi, a versão indiana da nossa matraca, constituída por três pés de madeira sólida com um núcleo de ferro na extremidade que serve para bater.

A turba de carregadores continuou na berraria, mas afastaram-se para deixar passar a polícia. O rosto coberto de cicatrizes desapareceu da janela da Amrita. O primeiro dos chuis bateu com o pau contra a frente da

carrinha, e o carregador mais velho voltou-se para começar a reclamar aos gritos. O polícia levantou o tremendo cacete, respondendo-lhe na mesma moeda. Krishna aproveitou a oportunidade para torcer a alavanca que fechava as portas. Em seguida, lançou duas sílabas ao condutor. Começámos a movermo-nos, acelerando cada vez mais depressa, estrada abaixo. Ouvimos ainda um estoiro enorme, quando uma pedra lançada pelos carregadores acertou nas traseiras da carrinha.

Depois, afastámo-nos do aeroporto na direcção de uma estrada de quatro vias completamente deserta.

— A auto-estrada dos VIP! — explicou Krishna, que ainda estava junto da porta. — Só viajam nela as pessoas muito importantes.

Vimos um cartaz pálido cintilar à nossa direita. Dizia, numa mensagem simples, em hindi, bengali e inglês, BEM-VINDOS A CALCUTÁ.

Seguíamos sem faróis, embora as luzes no interior da carrinha permanecessem acesas. Os olhos belos de Amrita estavam rodeados por círculos de cansaço. Victoria, demasiado estafada para conseguir dormir e farta de chorar, soltava gemidinhos nos braços da mãe. Krishna, sentado de viés no banco da frente, nariz de falcão a servir de perfil, mostrava-nos uma pose furibunda, iluminada pelas lâmpadas do tecto ou pelos ocasionais candeeiros da estrada.

— Estive numa universidade dos Estados Unidos durante quase três anos.

— Ah sim? — comentei. — Olha que interessante. — Só tinha vontade de partir a cara ao filho da mãe por toda a confusão que provocara.

— Sim, sim. Trabalhei com os negros, chicanos e índios vermelhos. Com os oprimidos da vossa terra.

Os terrenos pantanosos de escuridão, que corriam ao longo da estrada, deram subitamente lugar a uma confusão de barracas que quase se colavam ao asfalto. Lanternas brilhavam do outro lado das paredes de se-rapilheira. À distância, uma fogueira desenhava silhuetas que se moviam contra as chamas amarelas. Parecia que, sem qualquer transição, tínhamos abandonado o campo, e atravessávamos agora ruas estreitas, alagadas pelas chuvas, que se torciam contornando blocos de apartamentos em derrocada, quilómetros de bairros da lata, infundáveis paisagens de montras de lojas negras e calcinadas.

— Os meus professores eram uns idiotas. Idiotas conservadores. Julgavam que a literatura era composta por palavras mortas escritas nos livros.

— Pois — respondi. Não fazia a menor ideia do que é que ele estava a falar.

Não havia rua que não estivesse inundada. A água, em certos luga-

res, tinha quase um metro de profundidade. Protegidas por oleados rasgados, pessoas vestidas de túnicas sentavam-se, dormiam, ou agachavam-se a olhar para nós com olhos que apenas revelavam a brancura, rodeados por órbitas feitas de sombras. Cada beco dava-nos um vislumbre de quartos abertos, pátios mal iluminados, sombras a mexerem-se nas sombras. Um homem franzino, que empurrava um carrinho pesadíssimo, foi obrigado a dar um salto para o lado, para se desviar do rugido da nossa passagem, que o cobriu, a ele e à carga que transportava, com uma cortina de água. Sacudiu-nos um punho furioso, enquanto a boca aberta proferia inaudíveis obscenidades.

Os prédios pareciam datar da noite dos tempos, como os restos apodrecidos de um milénio esquecido, provavelmente anterior à Idade do Homem, porque as sombras, os ângulos, as aberturas e todo aquele vazio, decerto não podiam corresponder à arquitectura humana. Porém, em cada segundo ou terceiro andar viam-se através das janelas abertas lampejos da humanidade que habitava essas ruínas druídicas: lâmpadas nuas a pendular, cabeças a acenar, paredes descascadas com o estuque a apodrecer, deixando a descoberto as costelas brancas do prédio; coloridas ilustrações de divindades de membros múltiplos, recortadas de revistas e presas com fita-cola, todas tortas, às paredes ou aos vidros; os gritos das crianças que brincavam, corriam, ou se esgueiravam pelas vielas, em plena escuridão de cortar à faca, o choro abafado dos bebés, e, por todo o lado, movimentos furtivos que só o canto do olho detectava, a pressa sibilante dos pneus da carrinha sobre o barro molhado e o alcatrão, figuras cobertas de panos jazendo, como cadáveres, nas sombras dos passeios. Senti-me assolado por uma sensação terrível de déjà vu.

— Desisti, repugnado, quando um idiota de um professor não quis aceitar um trabalho sobre a dívida de Walt Whitman ao budismo Zen. Um tipo arrogante e limitado, não acha?

— Claro — respondi. — Não seria possível desligar as luzes interiores da carrinha?

Por essa altura, aproximávamo-nos do centro da cidade. Os bairros miseráveis e apodrecidos deram lugar a prédios maiores e ainda mais decrépitos. Poucas luzes havia nas ruas. O vago bruxulear das chamas caloríficas reflectia-se nos lagos profundos de água negra que preenchiam todos os espaços abertos. Cada montra escurecida parecia guardar formas silenciosas e cobertas como montes de roupa abandonada, ou encostados às paredes, só para nos verem passar. As luzes amareladas do interior da carrinha faziam-nos parecer cadáveres de cera. Percebi então como os prisioneiros de guerra se devem sentir quando são levados em parada, através das ruas da capital inimiga.

Mesmo à nossa frente vimos um rapaz de pé que, num caixote sobre um lago de água, sacudia, preso pela causa, o que me pareceu ser um gato morto. Lançou-o na nossa direcção, e só quando o corpo peludo chocou contra a janela da frente, é que descobri que se tratava de um rato. O condutor rosnou uma praga e guinou na direcção do rapaz, que se esgueirou num salto, a bater as pernas castanhas. O caixote desfez-se aos bocados sob a roda direita da carrinha.

— Claro que você entende o que eu estou a dizer, porque é poeta — disse Krishna, rasgando um sorriso onde se viam os dentinhos aguçados.

— E as luzes? — pedi-lhe. Já estava a espumar de raiva. Amrita tocou-me no braço com a mão esquerda.

Krishna resmungou qualquer coisa em bengali. O condutor encolheu os ombros e grunhiu uma resposta.

— O interruptor está partido — explicou Krishna.

Fomos desembocar num jardim aberto. Aquilo que em tempos poderia ter sido um parque, dividia agora, numa sólida linha de escuridão, o labirinto definhado dos prédios. Dois eléctricos jaziam, abandonados, no centro desordenado da praça, enquanto cerca de uma dúzia de famílias se juntavam encolhidas sob um oleado mal preso. Chovia outra vez. O súbito aguaceiro matraqueava contra o metal da carrinha como punhos lançados da negrura do céu. Só a janela do lado do condutor tinha limpa-vidros, que dificilmente conseguia desviar a cortina de água, que não tardou a velar a cidade da nossa vista.

— Precisamos de falar sobre o Sr. M. Das — disse Krishna.

Pestanejei: — E eu quero as luzes desligadas — respondi com vagar e clareza. Uma fúria irracional crescia em mim desde o aeroporto. Pouco faltava para que começasse a estrangular este cretino convencido e insensível; esganá-lo todo, até ver-lhe os olhos de rã saltarem-lhe pela estúpida cabeça. Sentia a fúria passar-me pelo corpo, como a vaga de calor que se segue a uma bebida forte. Amrita deve ter-se dado conta deste segundo de insanidade, porque segurou-me no braço como se fosse um torno.

— É muito importante que eu fale consigo sobre o Sr. M. Das — insistia Krishna. O calor no interior da carrinha era quase insuportável. Suor colava-se-nos à cara como marcas de queimadura. O vapor da nossa respiração pendurava-se no ar, enquanto o resto do mundo continuava obliterado pela chuva que desabava lá fora.

— Agora quem vai desligar a merda das luzes sou eu! — comecei a levantar-me. Amrita quis segurar-me com as duas mãos, mas tinha a Victoria ao colo.

As espessas sobranceiras de Krishna ergueram-se surpreendidas, no momento que me inclinei sobre ele. Acabava de libertar o braço direito,

quando Amrita disse: — Bobby, não tem importância. Já chegámos. Olha, ali está o hotel.

Parei mesmo a tempo e fui espreitar pela janela. O aguaceiro desaparecera tão subitamente quanto começara. Agora, só uma chuva miudinha continuava a cair. A minha fúria desapareceu com o ruído da água contra o telhado.

— Podemos talvez conversar mais tarde, Sr. Luczak — disse Krishna. — É muito importante. Amanhã, talvez.

— Sim. — Peguei na Victoria ao colo e abri caminho para fora da carrinha.

A fachada frontal do Hotel Oberoi estava tão escura quanto uma falésia de granito. Havia apenas uma luzinha a escapar-se das portas duplas. Um toldo rasgado cobria a entrada. De cada lado, de pé, silenciosos sob guarda-chuvas escorregadios de chuva, encontravam-se cerca de uma dúzia de figuras sombrias. Algumas empunhavam painéis ensopados. Num deles, consegui perceber uma foice e um martelo e a palavra inglesa UNFAIR.

— São grevistas — explicou-nos Krishna enquanto estalava os dedos na direcção de um empregado vestido de vermelho. Encolhi os ombros. Um piquete de greve às portas de um hotel à uma e meia da madrugada, numa Calcutá encharcada pela monção já não era coisa que me surpreendesse. Houve alturas, nesta última meia hora, em que perdi por completo o sentido de realidade. Um rugido enchia-me os ouvidos como o rascar de incontáveis patas de insectos. A diferença horária, pensei.

— Muito obrigado por nos ter ido buscar — disse Amrita no momento em que Krishna voltava a subir para a carrinha.

Sorriu-nos com o seu sorriso de tubarão bebé: — Sim, Sim. Falo amanhã. Boa-noite. Boa-noite.

O átrio do hotel parecia incluir várias salas obscuras e labirínticas como que a proteger a área da recepção do que se passava na rua. Quanto ao balcão propriamente dito, estava bem iluminado. O recepcionista permanecia acordado, bem vestido, contente por nos ver. Sim, aqui estão as reservas para o Sr. e a Sra. Luczak. Sim, tinham recebido o telex sobre o atraso. O bagageiro era um senhor já de idade, mas fez uma carícia à Victoria enquanto subíamos no elevador até ao sexto andar. Quando nos deixou, dei-lhe dez rupias.

O quarto era tão cavernoso e sombrio como tudo nesta cidade, mas parecia razoavelmente limpo e a porta tinha uma tranca forte.

— Oh, não! — exclamou a voz de Amrita vinda da casa de banho. Cheguei lá em três tempos, com o coração a bater.

— Não há lençóis de banho! — queixou-se ela. — Só toalhetes.

Começámos os dois a rir. Quando um parava, o outro desmanchava-se outra vez.

Bastou-nos dez minutos para colocar a Victoria num ninho, aos pés da cama vazia, despir as roupas encharcadas pelo suor, lavarmo-nos tão bem quanto possível e arrastarmo-nos sob o lençol fino. Algures, próximo dali, uma retrete esvaziou-se com um ruído de explosão. Os ouvidos martelavam-me como o eco dos motores do jacto.

— Bons sonhos, Victoria — disse Amrita. A bebé gorgolejava baixinho, ferrada no sono.

Adormecemos em dois minutos.

CAPÍTULO QUATRO

“E no grande pátio, depois de derrubadas as
barreiras locais,
Deu-se início à comunicação entre os homens,
como quem começa um agradável repouso.”

— PURNENDU PATRI

— Tudo parece melhor à luz da manhã — disse Amrita.

Estávamos sentados a tomar o pequeno-almoço, no Café do Jardim do hotel. Victoria tagarelava, toda contente, na cadeira alta que os empregados, muito atenciosos, nos tinham fornecido. O café dava para os jardins que enchiam o pátio. Trabalhadores pendurados em andaimes chamavam alegremente uns pelos outros.

Bebi o meu chá, tasquinhei no bolinho tostado, enquanto lia o jornal de Calcutá escrito em inglês. O editorial exigia a modernização do sistema de trânsito. Anúncios promoviam saris e motocicletas. Uma família sorridente de indianos segurava em garrafas de «Coca-Cola». Mesmo ao lado, nessa página, via-se uma fotografia ampliada de um cadáver meio decomposto, de olhos vítreos salientes, rosto aberto ao meio como um pneu estourado. O corpo fora descoberto numa mala de aço não reclamada na estação de caminhos-de-ferro de Howrah, ainda ontem, quinta-feira, 14 de Julho. Pedia-se a quem pudesse fornecer informações sobre a identidade do falecido que contactasse o inspector de polícia, Howrah, Govt Rly, e mencionasse o caso n.º 23 dt. 14.7.77 u/s 302/301 I.P.C. (S.R. 39/77).

Dobrei o jornal e depusitei-o sobre a mesa.

— Sr. Luczak? Bom-dia! — Levantei-me para apertar a mão a um cavalheiro indiano, de meia-idade, que entretanto se aproximara de nós. Era baixo, de pele clara, quase careca, e tinha óculos grossos, de aros de tartaruga. Vestia um fato tropical de lã, de corte impecável. O aperto de mão era

suave. — Sr. Luczak, chamo-me Michael Leonard Chatterjee. Sra. Luczak, prazer em conhecê-la! — inclinou-se enquanto segurava a mão de Amrita. — As minhas sinceras desculpas por não ter ido esperá-los ao aeroporto ontem à noite. O meu motorista informou-me mal, disse-me que o voo de Bombaim tinha sido adiado para esta manhã.

— Não tem importância — respondi.

— De qualquer modo é uma pena e pouco hospitaleiro ser-se obrigado a entrar numa cidade estranha sem a devida recepção. Uma vez mais, mil desculpas. Estamos encantados por vos ter aqui.

— «Estamos»? A quem se refere? — perguntei-lhe.

— Por favor, sente-se — disse Amrita.

— Muito obrigado. Mas que menina tão linda. Tem os seus olhos, Sra. Luczak. Refiro-me ao Sindicato dos Escritores Bengali, Sr. Luczak. Temos estado em permanente contacto com o Sr. Morrow e a sua excelente publicação, e ansiosos por poder partilhar consigo os trabalhos mais recentes do melhor poeta de Bengala... digo, de toda a Índia!

— Então o Sr. Das ainda está vivo?

Chatterjee sorriu delicadamente: — Oh, mas decerto, Sr. Luczak. Nestes últimos seis meses temos recebido da parte dele uma correspondência numerosa.

— Mas viu-o? — insisti. — Como pode ter a certeza que se trata do Sr. Das? Porque foi que desapareceu durante oito anos? Quando é que posso encontrar-me com ele?

— Tudo a seu tempo, Sr. Luczak — respondeu Michael Leonard Chatterjee. — Tudo a seu tempo. Combinei um primeiro encontro consigo e com a direcção do nosso Sindicato. Convém-lhe às duas da tarde? Ou será que você e a sua esposa preferem um dia livre para repousar e dar uma volta?

Olhei para Amrita. Já tínhamos decidido que, se eu não precisasse de um tradutor, ela e a Victoria ficariam a descansar no hotel.

— Hoje está muito bem.

— Maravilhoso. Maravilhoso. Então mando um carro à uma e meia.

Ficámos a ver Michael Leonard Chatterjee a abandonar a cafetaria. Atrás de nós, trabalhadores em andaimes de bambu, conversavam aos berros, todos satisfeitos, com os empregados do hotel que andavam pelos jardins. Victoria, para se juntar ao barulho, dava palmadas sonoras contra o apoio da cadeira alta.

O painel do outro lado da rua, que dava para o largo cheio de lixo, pertencia à União dos Bancos da Índia. Não tinha nenhum logótipo especial, apenas

umas letras negras contra um fundo branco: Calcutá – A Capital Cultural da Nação? — Uma Definição da Obscenidade? Que modos estranhos de se promover um banco.

O carro era pequeno, um Premiere preto, conduzido por um indivíduo de boné e calções de caqui. Seguimos pela Rua Chowringhee e, à medida que nos arrastávamos através do tráfego cerrado, tive a oportunidade de observar Calcutá à luz do dia.

O espectáculo era tão louco que chegava a ser cómico. Peões, frotilhas de bicicletas, riquexós parecidos com os que se usam no Oriente, automóveis, camionetas de carga enfeitadas com suásticas, um número incontável de motocicletas e carros puxados a bois, a rangerem por todo o lado, estavam sempre a desviar-se na direcção da nossa estreita e esburacada faixa de rodagem. Gado passeava-se por ali, à solta, a bloquear o tráfego, a meter a cabeça nas lojas, a abrir caminho através de montões de detritos arrumados junto às esquinas, ou empilhados no meio das ruas. Houve uma altura em que, durante cerca de três quarteirões, o lixo dava pelos joelhos, ladeando a rua como se fosse um dique. Seres humanos remexiam-lhe, competindo com o gado e os corvos, em busca de pedaços comestíveis.

Mais à frente, meninas de escola, vestidas com impecáveis blusinhas brancas e saias azuis, atravessavam a rua numa fila única, enquanto um polícia, de cinto castanho parava o trânsito para elas poderem passar. O cruzamento seguinte encontrava-se dominado por um templo pequenino e vermelho, construído mesmo no centro da rua. O cheiro adocicado a incenso e esgoto entrou-nos pela janela aberta do carro. Bandeirolas vermelhas penduravam-se de fios de arame e fachadas em ruína. E, por todo o lado, o movimento dessa humanidade de pele escura não cessava nunca. Parecia-se com um macaréu feito de uma população vestida de tons brancos ou castanhos, sempre a acotovelar-se, sempre a encher o ar com as suas húmidas exalações.

Calcutá à luz do dia era tão impressionante que intimidava, mas mesmo assim não me causou aquela estranha sensação de medo e raiva da noite anterior. Fechei os olhos, e procurei analisar a fúria que se apoderara de mim, mas o calor e o barulho impediram-me a concentração. Cada campainhada de bicicleta deste universo mesclava-se com as buzinas, os gritos, com o crescente murmúrio da cidade, ao ponto de construir à minha volta uma parede de ruído, cujo impacte era quase físico.

O Sindicato dos Escritores tinha a sua sede numa estrutura cinzenta e maciça mesmo ao lado da Praça Dalhousie. Sr. Chatterjee veio ter comigo ao fundo das escadas e conduziu-me até ao terceiro andar. A sala era grande e sem janelas. Os restos quase apagados de um fresco olhavam-nos de um

tecto sebento. Sete pessoas levantaram a cabeça de uma mesa coberta por um pano verde onde estavam sentadas.

Foram feitas as devidas apresentações. Como sou péssimo a lembrar-me dos nomes das pessoas, mesmo nas melhores circunstâncias, fiquei logo com vertigens, quando procurei associar uma lista inteira de sílabas bengali, aos rostos castanhos e de aspecto educado que se encontravam à minha frente. Só havia ali uma mulher, de semblante cansado, cabelos cinzentos e um sari de um verde intenso, cuja prega no ombro ela não parava de ajeitar. Pareceu-me chamar-se Leela Meena Basu Belliappa.

Conversámos durante alguns minutos sobre coisa nenhuma, não sem algumas dificuldades, por causa dos diferentes dialectos. Descobri que, se me descontraísse e deixasse correr o inglês cantarolado, característico dos indianos, acabava por perceber o sentido do discurso. O ritmo entrecortado das palavras possuía uma calma estranha, quase hipnótica. De súbito, um funcionário vestido de branco surgiu das sombras e distribuiu por todos tacinhas falhadas cheias de açúcar, leite de búfalo azedo e um pouco de chá. Sentei-me entre a mulher e o presidente da direcção, um tal Sr. Gupta. Era um sujeito alto, de meia-idade, com um rosto esguio e um lábio superior feroz. Comecei a lamentar não ter trazido a Amrita. A fortaleza da sua presença teria servido de barreira entre mim e estes indivíduos estranhos e absorventes.

— Acho que chegou o momento do Sr. Luczak escutar a nossa proposta — disse subitamente Gupta. Os outros acenaram com as cabeças. Nesse instante, como a aproveitar a deixa, as luzes apagaram-se.

Fez-se uma escuridão de breu no quarto sem janelas. Ouviram-se gritos vindos de vários pontos do prédio, até que nos trouxeram velas. Sr. Chatterjee inclinou-se sobre a mesa e sossegou-me, explicando-me que já era hábito isto acontecer. A energia era cortada várias vezes ao dia, quando a central eléctrica, incapaz de corresponder às necessidades de toda a gente, transferia a carga de um sector da cidade para o outro.

Sem que eu conseguisse perceber como, a escuridão e a luz das velas pareceram acentuar o calor ambiente. Tomado de vertigens, agarrei-me à borda da mesa.

— Sr. Luczak, tem com certeza consciência que é um privilégio enorme receber a obra-prima de um grande poeta bengali como o Sr. Das. — A voz do Sr. Gupta era tão aguda como um oboé. As notas pesadas ficaram suspensas no ar. — Nem nós próprios ainda vimos a versão completa deste trabalho. Espero que os leitores da sua revista apreciem a honra que lhes é feita.

— Claro — garanti-lhe. Uma gotinha de suor pendurava-se sobre a ponta do nariz do Sr. Gupta. Sob a luz cintilante das velas, as nossas som-

bras projectavam-se contra a parede até uma altura de quatro metros. — Já recebeu mais partes do manuscrito?

— Ainda não — respondeu Sr. Gupta. Tinha os olhos negros humedecidos e as pálpebras baixas. A cera das velas começava a pingar sobre o pano da mesa. — Cabe a este conselho ter a decisão final, sobre se devem ou não ser permitidos os direitos desta obra épica para a língua inglesa.

— Gostava de encontrar-me com o Sr. Das — disse-lhes. As pessoas à minha volta trocaram olhares entendidos.

— Isso não vai ser possível. — Foi a mulher quem falou. Expressava-se num tom alto e estridente, como uma serra a raspar no metal. Os sons nasalados, irritantes, contrastavam com a dignidade da sua aparência.

— E porque não?

— Há anos que o Sr. Das não tem estado acessível — interveio Gupta, num tom melífico. — Durante um certo tempo até acreditámos que tinha morrido. Todos lamentámos a perda de um tesouro nacional.

— E como sabem os senhores que ele está vivo agora? Alguém o viu?

Fez-se um novo silêncio. As velas, meio consumidas, respingavam por todo o lado, embora não corresse a menor aragem. Sentia-me enjoado e a esaldar. Pareceu-me, durante um segundo de loucura, que as velas acabariam por se apagar e nós continuaríamos na conversa, nessa escuridão húmida, como espíritos sem corpo, a assombrar um prédio arruinado no ventre de uma cidade morta.

— Temos aqui correspondência — explicou Michael Leonard Chatterjee, retirando uma meia dúzia de envelopes estaladiços do interior da pasta. — Eis a prova, sem sombra de dúvida, que o nosso amigo continua vivo e ainda está entre nós. — Chatterjee humedeceu os dedos e passou-os através do monte espremido de páginas dobradas, compostas por um papel muito fino. À luz mortíça, as linhas de escrita indiana pareciam-se com runas mágicas, ou encantações sinistras.

Sr. Chatterjee leu em voz alta várias passagens que provavam o seu ponto de vista. Tinham feito perguntas aos familiares e escutado o testemunho de amigos comuns. Uma discussão, passada há vinte anos, foi repetida na íntegra. Até havia uma carta a perguntar ao Sr. Gupta por que é que um poema de Das, comprado há muitos anos, nunca fora publicado.

— Pronto, acredito. Mas olhem que é muito importante para a elaboração do artigo que eu me encontre com o Sr. Das, de modo a poder...

— Por favor — disse Sr. Chatterjee levantando a mão. Os óculos reflectiam chamas gémeas no lugar onde se deviam encontrar os olhos. — O que vem a seguir, explica-lhe por que é que isso não é possível. — Dobrou uma página, aclarou a garganta e começou a ler:

«...como podem constatar, meus amigos, as coisas mudam, mas as pessoas não. Recordo-me de um certo dia de Julho, em 1969. Isto passou-se durante o Festival de Shiva. O Times disse-nos que o homem deixou a marca dos seus pés na Lua. Estava a voltar da aldeia do meu pai: um lugar onde os homens também deixam pegadas no solo, por detrás dos esforçados bois, como nunca deixaram de fazer desde há cinco mil anos. Em todas as aldeias por onde o comboio passava, via camponeses aflitos a puxar por carroças pesadíssimas através da lama.

«Durante a viagem, cheia de sons e de apertos, de volta à nossa querida cidade, comecei a pensar no vazio e futilidade da minha existência. O meu pai tinha vivido uma vida longa e útil. Todos os homens da sua terra, fossem eles brâmanes ou intocáveis, quiseram assistir ao ofício da cremação. Caminhei através dos campos que o meu pai irrigara e trabalhara, muito antes de eu nascer, arrancando-os aos caprichos da natureza. Depois do funeral, deixei os meus irmãos e fui colocar-me à sombra de uma enorme figueira de bengala que o meu pai plantara quando eu ainda era criança. Por todo o lado viam-se os frutos do seu trabalho. Até a própria terra parecia enlutada pela sua morte.

«E que fizeste tu, entretanto, perguntei a mim mesmo. Dentro de semanas terás 54 anos. Qual foi o objectivo da tua vida? Escrevi versos, diverti os colegas, aborreci alguns críticos. Teci uma teia de ilusões, julgando continuar a tradição do nosso grande Tagore. A verdade é que acabei por ficar enredado na minha própria teia de enganos.

«Quando chegámos à estação de Howrah, já tinha compreendido como a minha vida e arte eram vazias. Durante os trinta anos em que vivi e trabalhei nesta nossa querida cidade, o coração e a jóia de Bengala, nem uma única vez consegui recriar, graças aos meus fracos dotes, a sua essência, nunca, nem sequer a mais pequena sugestão. Procurei definir a alma de Bengala ao descrever o vazio do seu exterior, a intromissão dos estrangeiros, o menos honesto dos seus rostos. Era corno se tentasse revelar a alma de uma mulher muito bela e complexa, nomeando apenas os pormenores dos fatos que ela tomara emprestados.

«Gandhiji disse um dia: Um homem não pode viver plenamente a não ser quando morre pelo menos uma vez. Por isso, mal descí da carruagem de primeira classe na estação de Howrah, aceitei o imperativo dessa grande verdade. Para viver, com alma e arte, teria de rejeitar tudo quanto pertencesse à minha vida anterior.

«Dei as duas malas ao primeiro pedinte que se aproximou de mim. Ainda recordo com prazer o seu olhar de surpresa. Não faço a menor ideia do que ele terá feito das minhas lindas camisas de lã, das gravatas parisienses, das dezenas de livros que lá havia.

«Atravessei a ponte de Howrah, que ia dar à cidade, consciente apenas de uma coisa — que morrera para a minha vida anterior, morrera para a minha velha casa e hábitos de muitos anos, e que, conseqüentemente, morrera também para as pessoas que amava. Só entrando em Calcutá de um modo novo, como há trinta e dois anos atrás, quando não passava de um jovem estudante tímido e esperançoso, acabado de chegar de uma cidadezinha da província, só assim conseguiria ver com olhos límpidos tudo aquilo que precisava para prosseguir o meu trabalho final.

«Foi esse trabalho... a minha primeira e verdadeira tentativa para contar a história desta cidade que nos sustenta... a que devotei o resto da minha existência. Desde esse dia, há tantos anos atrás, esta nova vida levou-me a lugares de que eu nunca ouvira falar, lugares de uma cidade que eu estupidamente julgava conhecer por dentro.

«Conduziu-me a procurar o meu caminho entre os perdidos, possuir apenas aquilo que os despojados já não queriam, trabalhar com a classe dos intocáveis, procurar sabedoria entre os loucos do Parque Curzon, e virtude nas prostitutas da Rua Sudder. Ao fazer isto, fui obrigado a aceitar a presença desses deuses negros que sustentam este lugar nas palmas das mãos, desde um tempo muito anterior ao nascimento dos outros deuses. Quando os encontrei, encontrei-me a mim mesmo.

«Por favor, não me procurem. Mesmo que o fizessem, não seriam capazes de me encontrar. Se me encontrassem, não me reconheceriam.

«Meus amigos, deixo-vos o trabalho de cumprir as minhas instruções no que diz respeito a esta nova obra. O poema encontra-se incompleto. Ainda há muito a fazer. O tempo falta-me. Desejo que os fragmentos que já existem sejam disseminados tanto quanto for possível. O elogio da crítica, os direitos de autor, não importam, não significam nada. Mas tem de ser publicado.

«Respondam pelas vias habituais.

— Das.»

Chatterjee desistiu de ler e, no silêncio que se seguiu, os sons do Carnaval distante das ruas tornaram-se vagamente audíveis. O Sr. Gupta clareou a garganta e fez uma pergunta sobre os direitos de autor americanos. Expliquei-lhe, tão bem quanto podia, tudo sobre a oferta da Harper's e a proposta, bem mais modesta, da Other Voices. Seguiram-se mais perguntas e novas discussões. E as velas quase no coto.

Por fim, Gupta virou-se para os outros e disse qualquer coisa, muito rápido, em bengali. Mais uma vez desejei que a Amrita estivesse aqui comigo. Foi Michael Leonard Chatterjee quem acabou por me explicar:

— Se fizer o favor de aguardar lá fora por uns minutos, Sr. Luczak,

o conselho vai agora votar sobre a disponibilidade dos manuscritos do Sr. Das.

Apoiei-me sobre o formigueiro das pernas e acompanhei um criado munido de uma vela até à sala de entrada. Havia ali uma cadeira e uma mesinha, onde ele colocou a vela. Uma luminosidade pálida subia do fundo das escadas, vinda das janelas de vidro fosco que davam para a Praça Dalhousie, mas a claridade era tão ténue que só fazia a escuridão dos cantos e dos outros corredores parecer ainda mais absoluta.

Já estava sentado há cerca de dez minutos, quase a dormir, quando reparei que havia entre as sombras movimentos furtivos. Algo se deslocava, com todo o cuidado, na periferia do círculo de luz. Levantei a vela e vi um rato do tamanho de um cão terrier paralisar-se e ficar absolutamente imóvel. Suspenso junto ao vão da escada, batia no soalho com uma cauda comprida e húmida. Olhos ferais fulgiam, virados para mim, da fronteira do círculo luminoso. A criatura avançou meio passo, e eu arrepiei-me, numa repulsa gelada. Os seus movimentos pareciam-se com os do gato, prestes a atacar uma presa. Fiz menções de me erguer, segurando nos braços da frágil cadeira, para a atirar, se fosse preciso.

De súbito, um outro ruído, mais forte, nas minhas costas, obrigou-me a dar um salto. A sombra do rato perdeu-se nas sombras do corredor. Ouviu-se ainda ao longe um raspar de múltiplas unhas contra a madeira do soalho. O Sr. Chatterjee e o Sr. Gupta emergiram da negrura da sala de reuniões. Sr. Gupta deu um passo em frente e penetrou no halo luminoso da vela. Sorria, ansioso, rasgando dentes longos e amarelos.

— Está tudo combinado! — disse. — Vai receber o manuscrito amanhã. Depois contactamo-lo para assentar os pormenores.

CAPÍTULO CINCO

“A paz não existe em Calcutá;
O sangue chama à meia-noite...

— SUKANTA BHATTACHARJEE

Demasiado fácil. Foi este o pensamento que me passou pela cabeça enquanto me conduziam de volta ao hotel. Imaginei-me um daqueles jornalistas de investigação, vestido com uma gabardina, céus, imaginem o que isso seria num calor destes, a seguir cuidadosamente todas as pistas, prestes a solucionar o misterioso desaparecimento e reaparição do poeta fantasma de Bengala, e agora, nesta primeira tarde passada na cidade, dei-me conta de que o enigma me fora entregue numa bandeja. Amanhã, sábado, já teria o manuscrito entre as mãos e poderia levar a Amrita e a bebé para casa. Mas que artigo ia eu fazer com tudo isto? Demasiado fácil.

O meu corpo continuava a insistir que ainda era de manhã cedo, mas o relógio de pulso dizia-me que eram cinco da tarde. Trabalhadores saíam dos prédios de escritórios manchados pelo tempo, situados perto do hotel, como térmitas a saltarem de carcaças feitas de pedra cinzenta. Famílias aqueciam água para o chá sobre os passeios rachados, enquanto homens com pastas de executivos passavam por cima das crianças adormecidas. Um indivíduo vestido de andrajos agachava-se para urinar na sarjeta, enquanto um outro lavava-se num charco de água, apenas a alguns metros de distância. Contornei os membros comunistas do piquete de greve, e entrei no santuário de ar condicionado do hotel.

Krishna estava sentado no átrio. O gerente-adjunto observava-o, como se ele fosse um terrorista famoso. Não era caso para admirar. Krishna tinha um aspecto ainda mais selvagem do que ontem. O cabelo negro saltava por todos os lados, como pontos de exclamação eléctricos, enquanto

os olhinhos de sapo, sob a massa das sobrancelhas, pareciam mais brancos e esbugalhados do que nunca. Sorriu-se, desbragado, mal me viu, e veio ter comigo de mão estendida. Já estava a sacudi-la antes de eu compreender que este aperto cordial era o único modo que Krishna tinha de confirmar a validade da sua presença ao gerente do hotel.

— Ah, Sr. Luczak! Que prazer vê-lo de novo! Vim ajudá-lo na sua busca do poeta M. Das. — Enquanto isto, não deixava de me sacudir a mão. Trazia vestida a mesma camisa suja da véspera, cheirava a uma colónia bafienta e a suor. Suor que começava também a secar sobre o meu próprio corpo, enquanto o fortíssimo ar condicionado do hotel transformava a superfície dos meus braços em pele de galinha.

— Muito agradecido, Sr. Krishna, mas não vai ser necessário — respondi-lhe, enquanto arrancava a mão. — Já tratei de tudo o que havia a tratar. Amanhã dou o assunto por encerrado.

Krishna ficou colado ao chão. O sorriso desvaneceu-se, os sobrolhos aproximaram-se ainda mais sobre a enorme curvatura do nariz.

— Ah... estou a perceber. Você foi ao Sindicato dos Escritores, não é verdade?

— Fui.

— Ah, sim, sim. E com certeza contaram-lhe uma história muito edificante sobre o nosso ilustre M. Das. Ficou satisfeito com o que ouviu, Sr. Luczak? — Krishna disse esta última frase quase num sussurro, com uma expressão tão declaradamente conspiratória, que o gerente-adjunto franziu o sobrolho lá do outro lado da sala. Só Deus sabe o que ele pensou que me estavam a oferecer.

Hesitei. Não fazia a menor ideia que diabo tinha que ver Krishna com tudo isto, e nem sequer queria perder tempo a procurar sabê-lo. Mentalmente, amaldiçoei Abe Bronstein por se meter onde não era chamado e me ter posto em contacto com este anormal. Enquanto isso, pensava em Amrita e Victoria, que continuavam à minha espera, e na direcção irritante que todo este assunto estava a tomar.

Krishna, que interpretara a hesitação como incerteza da minha parte, inclinou-se e agarrou-me pelo braço.

— Tenho uma pessoa com quem se deve encontrar, Sr. Luczak. Alguém que lhe poderá revelar a verdade sobre M. Das.

— A verdade? Que quer você dizer com isso? Quem é?

— Ele prefere que eu não lhe diga — sussurrou Krishna. Tinha as mãos húmidas e o branco dos olhos raiado por minúsculas veias amareladas. — Vai perceber melhor quando ouvir o que ele tem para lhe contar.

— Quando? — perguntei secamente. Só a sensação de vazio que sentira no carro me impedia de mandar Krishna para o inferno.

— Agora mesmo! — disse Krishna, com um sorriso de triunfo. — Podemos ir lá ter com ele.

— Impossível! — resmunguei, arrancando com brusquidão o braço às mãos de Krishna. — Agora vou para o quarto tomar um duche. Prometi à minha mulher que ia levá-la a jantar fora.

— Ah, sim, sim. — Krishna acenava com a cabeça enquanto chupava o lábio inferior. — Claro. Então combinam-se as coisas para as nove horas e meia. Está bom assim?

Hesitei de novo: — Esse seu amigo deseja ser pago pela informação?

— Oh, não, não! — Krishna levantou ambas as palmas. — Ele não permitiria tal coisa. Foi só com imensa dificuldade que eu consegui convencê-lo a falar com outra pessoa sobre este assunto.

— Nove e meia? — perguntei. Só o facto de pensar que tinha de sair à noite em Calcutá, enchia-me de uma vaga sensação de náusea. — Sim. A cafeteria fecha às onze. Encontramo-lo lá.

Cafeteria. Que familiaridade inócua tinha esta palavra! Se ao menos eu pudesse servir-me disto para o meu artigo... — Está combinado.

— Vou ficar aqui à sua espera, Sr. Luczak.

A mulher que segurava na minha filha não era Amrita. Fiquei ali, atónito, ainda com a mão na maçaneta da porta. Poderia ter continuado assim, ou mesmo recuado para o corredor, completamente confundido, se a Amrita não tivesse aparecido, vinda da casa de banho.

— Oh, Bobby, olha, esta é a Kamakhya Bharati. Kamakhya, o meu marido, Robert Luczak.

— Prazer em conhecê-lo, Sr. Luczak. — A voz dela parecia-se com o vento sobre as flores da Primavera.

— Encantado, Menina... ah... Bharati. — Pisquei os olhos, aparvalhado, e olhei para Amrita. Sempre considerei que o rosto da minha mulher era verdadeiramente belo, devido aos seus olhos francos e feições harmónicas, mas, ao lado do rosto desta jovem, só conseguia ver nele os traços que a aproximavam da meia-idade, o pequeno duplo queixo, o alto na cana do nariz. Mesmo depois de desviar a cabeça, a impressão visual da rapariga ficou-me na retina, como o eco óptico de um flash fotográfico.

Tinha o cabelo, negro como o pez, caído sobre os ombros. O rosto formava uma oval aguçada, perfeito, pontuado por uns lábios doces, ligeiramente trémulos, que pareciam destinados à sensualidade e ao sorriso. Os olhos, esses, eram espantosos, enormes para lá de qualquer compreensão, acentuados pela sombra da pintura e espessas pestanas, com pupilas tão negras e penetrantes, que o seu olhar ia até ao fundo, como se fosse feito por raios de negrura. Havia neles uma certa subtilidade oriental, ao mesmo

tempo que nos ofereciam uma impressão exactamente oposta, quase subliminar, do conflito que existe entre a inocência e o conhecimento do mundo moderno.

Kamakhya Bharati era jovem, andava aí pelos 25 anos de idade, vestia um sari de seda tão ligeira que flutuava a uns milímetros de distância da pele, insuflado por uma fragante pulsação de feminilidade que lhe emanava do corpo, como um relento de brisa perfumada.

Sempre associei o termo voluptuoso às formas plenas de um quadro de Rubens, às massas capitosas de carne, mas o corpo esguio desta jovem, entrevisto através dos níveis cambiantes da seda, tocou-me com uma volúpia tão intensa que fiquei logo com a boca seca e a cabeça vazia.

— Kamakhya é a sobrinha de M. Das, Bobby. Veio perguntar como é que vai o teu artigo. Acabámos por ficar aqui, durante esta última hora, na conversa.

— Ah sim? — Olhei para Amrita e de novo para a rapariga. Não me lembrava de mais nada para dizer.

— É verdade, Sr. Luczak. Ouvi rumores que o meu tio continua em contacto com alguns dos seus antigos colegas. Gostava de saber se já se encontrou com ele... se está bem de saúde... — Baixou os olhos e deixou a voz arrastar-se.

Sentei-me no braço do sofá: — Não — respondi-lhe. — Quero dizer, ainda não o vi, mas acho que se encontra bem. Mas gostava de o ver, claro. Estou a escrever um artigo...

— Sim. — Kamakhya Bharati sorriu e depositou Victoria no centro da cama, sobre o cobertor onde se encontrava o ursinho de peluche. Dedos castanhos e elegantes passaram sobre a bochecha da bebé num gesto afectuoso. — Não os incomodo mais. Só queria saber o estado do meu tio.

— Com certeza. Estamos muito interessados em falar consigo, Menina Bharati. Quero dizer, se conheceu bem o seu tio... isso seria uma grande ajuda para o artigo. Se puder ficar mais alguns minutos...

— Tenho de me ir embora. O meu pai espera que eu esteja em casa antes de ele chegar. — Virou-se e sorriu para Amrita: — Talvez possamos ver-nos amanhã e falar, conforme combinámos?

— Ótimo! — disse Amrita. Era a primeira vez, desde Londres, que eu a via assim, tão descontraída. E depois, virando-se para mini: — Kamakhya conhece um bom comerciante de saris que habita não muito longe, ao lado do Cinema Elite. Já que estamos aqui, estava mesmo com vontade de comprar uns tecidos. Isto é, se não precisares de mim amanhã, Bobby.

— Mmm... não sei bem... Olha, combina o que te apetecer. Não faço ideia para que altura do dia eles querem encontrar-se comigo.

— Amanhã de manhã telefono — disse a rapariga. Sorriu de novo

para Amrita e eu descobri que estava cheio de ciúmes, desejoso de ter sido o recipiente dessa bênção. Kamakhya levantou-se, apertou a mão à minha mulher enquanto ajustava o sari com um movimento gracioso, um gesto que é universal entre as mulheres indianas.

— Muito bem — disse Amrita.

Kamakhya Bharati inclinou-se ligeiramente na minha direcção e dirigiu-se para a porta. Retorqui o cumprimento. Mesmo depois de se ter ido embora, ainda deixou na sua esteira um perfume ténue e sedutor.

— Deus do Céu! — comentei.

— Acalma-te, Robert — disse Amrita, muito britânica. — A miúda só tem 22 anos, mas está noiva há onze. Vai casar em Outubro.

— Que raio de desperdício! — Deixei-me cair na cama junto da bebé. Victoria voltou a cabeça, sacudiu os braços, pronta para a brincadeira. Peguei nela, balancei-a no ar, enquanto ela soltava gritinhos de alegria e sacudia os pés.

— Ela é mesmo a sobrinha do Das?

— Costumava ajudá-lo a organizar os manuscritos. Afiava-lhe os lápis. Ia fazer recados à biblioteca. Pelo menos é o que afirma.

— Ai sim? Então nessa altura devia ter 10 anos de idade. — Victoria guinchava enquanto descrevia arcos no ar, voltas sobre voltas. — Treze quando ele desapareceu. Ao que parece, o pai dela desentendeu-se com Das pouco antes do pai deles morrer.

— Do pai deles? Ah, sim, o pai de Das...

— Ou isso. De qualquer modo, lá por casa, a partir dessa altura, nunca mais mencionaram o seu nome. Pareceu-me demasiado tímida para contactar o Chatterjee ou o Sindicato dos Escritores.

— Mas veio ter connosco...

— Não é a mesma coisa — continuou Amrita. — Somos estrangeiros. Não contamos. E agora, vamos jantar?

Coloquei Victoria sobre o estômago. Tinha a cara vermelha de tanta excitação e estava precisamente a considerar se havia ou não de pegar no choro. Enfiou-me os joelhos na barriga e começou a rastejar sobre o meu peito. Uma mãozinha bolachuda agarrou-se ao colarinho da camisa numa prisão de morte.

— Então onde é que vamos comer? — perguntei. Expliquei à Amrita que tinha um encontro marcado para as nove e meia com o Misterioso Estranho de Krishna. — Já se faz tarde para sairmos. Que tal telefonar para a copa, ou ir lá abaixo à Sala do Príncipe? Disseram-me que a Fatima, a dançarina exótica, hoje dava espectáculo.

— A Victoria vai de certeza fazer birra... Mas acho que prefere essa tal Fatima a jantar no quarto.

- Então está decidido!
- Arranjo-me num minuto.

Fatima, a Dançarina Exótica, era uma mulher indiana, gorda, de meia-idade, cuja dança podia perfeitamente ser exibida num Clube de Escuteirinhos de Exeter sem receio de provocar escândalo. Mesmo assim, a multidão de casais gordos e de meia-idade, quase todos homens, que se encontravam na Sala do Príncipe, pareciam estar devidamente excitados com o espectáculo. Victoria é que não. Desatou aos berros, de modo que nos obrigou a fugir dali a meio da segunda volta dos rodopios de Fatima.

Em vez de voltarmos logo para o nosso quarto, fomos dar um passeio pelos pátios obscurecidos do hotel. Desde o início da noite que ainda não parara de chover, mas agora já se viam algumas estrelas a brilhar através das nuvens baixas e sulfurosas. Cortinas pesadas tapavam a maior parte das janelas dos quartos virados para o pátio, permitindo apenas a passagem de estreitas faixas de luz. A Amrita e eu, íamos passando a bebé, que ainda não se calara, dos braços de um para os braços do outro, até que os soluços foram aos poucos diminuindo até cessarem por completo. Ficámos um bocadinho junto à piscina, e depois fomos sentar-nos num banco ao lado da cafetaria obscurecida.

Bruxuleios luminosos, vindos dos focos submersos, dançavam sobre a folhagem espessa e sobre as cortinas corridas de bambu. Fiquei a olhar para uma sombra negra que flutuava no canto menos profundo da piscina, até compreender que se tratava de um rato afogado.

— A Victoria adormeceu — disse Amrita. Reparei que a miúda tinha os olhos fechados e as mãozinhas fincadas, e que estava ferrada naquela forma de sono intenso e satisfeito que costuma seguir-se às grandes crises de choro.

Estiquei as pernas e inclinei a cabeça para trás. Sentia-me estafado, provavelmente ainda a sofrer da diferença horária. Levantei-me e olhei para Amrita. A minha mulher embalava a bebé, de olhar ausente e sonhador, como se estivesse a pensar num longo e complexo problema matemático.

— O que sentes por estares de volta? — perguntei-lhe.

Amrita levantou a cabeça e piscou os olhos: — Desculpa, Bobby?

— À Índia... O que achas disto?

Amrita deu uma palmadinha nos tufos de cabelo da bebé e passou-ma para as mãos. Encostei Victoria na cova do ombro e fiquei a vê-la ajeitar a saia cor de tabaco e ir até à borda da piscina. A claridade dos focos que vinha do fundo iluminou-lhe as maçãs do rosto. A minha mulher é muito bela, pensei pela milésima vez desde o casamento.

— Parece-se com uma sensação de déjà vu — respondeu muito bai-

xinho. — Não, não é esse o termo correcto. É antes como um sonho que se repete. O calor, o barulho, os diferentes dialectos, o cheiro... tudo isto é ao mesmo tempo familiar e estranho.

— Estou desolado pelo incómodo.

Amrita sacudiu a cabeça: — Não me incomoda, Bobby. Assusta-me, mas não me incomoda. Pelo contrário, até tem uma certa sedução.

— Sedução? — Fiquei espantado. — O que foi que nós vimos até agora que achasses sedutor? — Amrita não costumava servir-se das palavras ao acaso. Possuía uma precisão linguística que ultrapassava a minha.

Ela sorriu: — Queres dizer, além da Kamakhya Bharati? — Descalçou uma sandália e começou a brincar na água azul com a ponta do pé. Deste canto da piscina não se via o rato afogado. — A sério, Bobby, acho tudo sedutor de uma maneira muito estranha. É como se até aqui, durante todos estes anos, só tivesse usado uma parte da minha cabeça e a outra parte estivesse agora a despertar.

— Queres ficar mais tempo? — Sentia-me confuso. — Ou seja, depois do meu trabalho ter terminado?

— Não — respondeu Amrita com firmeza na voz.

Sacudi a cabeça: — Lamento ter-te deixado sozinha durante a tarde. E ainda por cima com um encontro combinado para logo à noite. Acho que foi um erro termos vindo os três. Não fazia ideia como seria difícil para ti trazermos a Victoria.

Algures sobre as nossas cabeças, ouvimos um chorrilho de ordens numa língua parecida com o árabe, logo seguido de uma resposta irascível num bengali nasalado. Uma porta bateu com força.

Amrita aproximou-se e sentou-se de novo ao meu lado. Pegou na Victoria e estendeu-a sobre as pernas.

— Tudo bem, Bobby. Eu já sabia o que me esperava. Acho que não vais precisar de mim como tradutora, a não ser quando te derem o manuscrito.

— Lamento — disse outra vez.

Amrita desviou o olhar para a piscina: — Quando eu tinha 7 anos, no Verão, antes de nos mudarmos para Londres, vi um fantasma.

Ebugalhei os olhos. Não poderia ter ficado mais surpreendido se ela me dissesse que estava apaixonada pelo velho criado e que ia fugir com ele. Amrita era, ou fora até àquele momento, a pessoa mais irredutivelmente racional que eu já conheci. Sempre pensei que os seus interesses ou crenças pelo mundo sobrenatural eram inexistentes. Nem sequer a conseguia interessar na leitura dessas aldrabices dos romances do Stephen King que eu, todos os Verões, levava para a praia.

— Um fantasma? — exclamei algum tempo depois.

— Íamos de comboio, da nossa casa de Nova Deli, a caminho da casa do tio, em Bombaim. Era sempre uma grande excitação quando eu, a minha mãe e irmãs, fazíamos esta visita todos os meses de Junho. Mas nesse ano, a minha irmã Santha adoeceu. Fomos obrigados a sair do comboio a oeste de Bhopal e pernoitar, durante dois dias, numa estalagem junto à estação, enquanto um médico da terra tratava dela.

— Ficou boa?

— Sim, foi só sarampo. Por essa altura eu era a única das crianças que ainda não o tinha apanhado, por isso tive de dormir sozinha na varanda do quarto de hotel que dava para a floresta. Só se podia lá chegar passando pelo quarto onde a minha mãe e irmãs estavam deitadas. Fazia imenso calor, mas as chuvas de Verão ainda não tinham aparecido.

— Foi então que viste um fantasma?

Amrita esboçou um sorriso: — Acordei a meio da noite quando ouvi um choro. A princípio julguei que se tratava da minha família. Depois percebi que era uma mulher idosa, vestida com um sari, quem soluçava, sentada na borda da cama. Recordo-me que não tive medo, mas senti apenas espanto por a mãe ter permitido que aquela estranha passasse pelo quarto e fosse ter comigo à varanda.

«Chorava baixinho, mas de um modo terrível. Estendi a mão para a consolar, mas, antes de lhe poder tocar, ela parou de chorar e olhou para mim. Percebi então que não era realmente velha, mas apenas envelhecida por um tremendo desgosto.»

— E depois? Como é que sabias que se tratava de um fantasma? Ela desvaneceu-se, caminhou pelo ar, dissolveu-se num monte de farrapos e gordura, ou quê?

Amrita sacudiu a cabeça: — Durante alguns segundos, a Lua ficou escondida por detrás das nuvens, e, quando a luz voltou, a mulher já tinha desaparecido. Chamei em voz alta. Quando a minha mãe e irmãs vieram até à varanda, garantiram-me que ninguém tinha passado pelo quarto.

— Hummm... Esse teu fantasma não me parece ser nada de especial. Tinhas 7 anos e naturalmente estavas a dormir. Mesmo se estivesses acordada, como é que podias saber que não se tratava de uma criada que subiu pelas escadas de incêndio, ou qualquer coisa parecida?

Amrita encostou Victoria ao ombro: — Concordo que não é uma história de fantasmas lá muito assustadora. Mas a mim aterrou-me durante anos. Compreende, naquele segundo, antes da Lua ficar obscurecida, olhei a mulher bem no rosto e soube perfeitamente quem era. — Amrita deu umas palmadinhas nas costas da bebé e virou-se na minha direcção: — Era eu.

— Tu?

— Nesse momento decidi que só queria viver num país onde não se vissem fantasmas.

— Minha querida menina, tenho más notícias. Não sei se sabes, mas a Grã-Bretanha e a Nova Inglaterra são famosas pela quantidade de fantasmas que possuem.

— Talvez — disse Amrita, levantando-se com a Victoria abraçada no colo. — Mas pelo menos eu não os consigo ver.

Às nove e meia lá estava sentado no átrio, com uma valente enxaqueca devido ao calor e do cansaço, agoniado pelo vinho de baixa qualidade que bebera ao jantar, a pensar numa boa dezena de desculpas para dar ao Krishna mal ele chegasse. Às nove e cinquenta decidi dizer-lhe que a Amrita ou a bebé estavam doentes. Às dez, percebi que não era obrigado a dizer-lhe coisa nenhuma, levantei-me para subir até ao quarto, e foi nesse preciso momento que ele apareceu, nervoso e desganhado. Tinha os olhos vermelhos e inchados, como se tivesse estado a chorar. Aproximou-se, apertou-me solenemente a mão, como se o átrio do hotel fosse uma agência funerária e eu o parente enlutado.

— O que foi? — perguntei-lhe.

— Muito, muito triste... — respondeu Krishna, com a voz alquebrada. — Notícias muito terríveis.

— Foi o seu amigo? — Senti uma súbita sensação de alívio ao pensar que a misteriosa fonte de informações de Krishna partira a perna, fora atropelada por um eléctrico, ou que um ataque cardíaco tinha dado cabo dela.

— Não, não, não. Deve ter ouvido. Sr. Nabokov faleceu. Que grande tragédia!

— Quem? — Devido ao dialecto cerrado, percebi apenas outro daqueles nomes bengaleses esquisitos.

— Nabokov! Nabokov! Vladimir Nabokov! Pale Fire, Ada. O maior estilista em prosa da sua língua. Uma grande perda para todos nós. Para todos os homens de letras!

— Oh! — comentei. Nem sequer consegui começar a ler a Lolita. Quando me lembrei que decidira não acompanhar Krishna, já nos encontrávamos lá fora, à mercê da escuridão húmida, a caminhar na direcção de um riquexó, onde um coolie baixinho, de aspecto esquelético e mirrado, dormitava sobre um assento vermelho. Recuei um passo. Qualquer coisa em mim revoltou-se ao pensar que ia ser puxado por este espantalho humano, através de ruas imundas.

— Prefiro apanhar um táxi — disse-lhe.

— Não, não. Isto já está reservado. A viagem é curta. O nosso amigo espera.

O banco estava molhado das chuvadas nocturnas mas não era desconfortável. Quando o homenzinho saltou para o chão, ouviu-se o som dos pés nus a baterem contra o solo. Em seguida, agarrou nas barras duplas, deu um pulo no ar com uma agilidade resultante de muita prática, e voltou a descer, de braços estendidos, equilibrando o nosso peso com toda a perícia.

O riquexó não tinha outra iluminação além de uma lanterna de que-rosene que baloiçava num gancho de metal. Também não me tranquilizou mesmo nada verificar que os outros carros e camiões que nos contornavam, buzinas aos berros, também andavam com os faróis apagados. Ainda havia eléctricos a circular, e, à luminosidade pálida e doentia das lâmpadas interiores, viam-se montes de rostos suados, colados às janelas reforçadas por grelhas de ferro. Apesar do adiantado da hora os transportes públicos vinham apinhados, os autocarros sacudiam-se com o peso das pessoas que se penduravam no exterior das janelas gradeadas, os vagões que passavam por perto revelavam inúmeras cabeças e torsos a emergirem das carruagens negras.

Poucas eram as ruas iluminadas, mas os becos e pátios brilhavam com aquela pálida fosforescência putrefacta que eu reparara do avião. O cair da noite não nos libertara do calor. Pelo contrário, ainda era pior agora do que durante o dia. Viam-se nuvens densas sobre a linha dos telhados, como um peso húmido que parecia devolver-nos o calor que subia das ruas.

A ansiedade estava de volta. Mesmo agora, é-me impossível descrever a natureza dessa angústia. Pouco tinha que ver com a sensação do perigo físico, embora me sentisse absurdamente vulnerável, enquanto seguíamos sacolejando sobre as pedras soltas da calçada, montes de lixo e carris dos eléctricos. Lembrei-me de que ainda tinha guardados na carteira cerca de 200 dólares cheques de viagem. Mas não era esta a verdadeira fonte do nervosismo que ia crescendo, como bilis, na minha garganta.

Havia qualquer coisa na noite de Calcutá que mexia com as regiões mais escuras do meu espírito. Breves acessos de um terror quase infantil assomavam à superfície, e eram logo reprimidos pela metade adulta da minha mente. Os sons nocturnos, quando separados do contexto, não tinham nada de assustador — gritos distantes, raspagens e assobios, um ocasional fragmento de conversa abafada, sempre que passávamos por figuras cobertas de panos — mas ao fim e ao cabo todos eles possuíam o mesmo efeito aterrador, capaz de dar a volta ao estômago, como o som de alguém a respirar por baixo da vossa cama.

— Kaliksetra — disse Krishna. A sua voz suave mal se conseguia ouvir contra os sons arfantes do coolie e as palmadas dos pés descalços contra o pavimento.

— Como?

— Kaliksetra. Significa «o lugar de Kali». Sabe com certeza que foi ele que deu o nome à nossa cidade?

— Ah, não. Ou seja, talvez. Devo-me ter esquecido.

Krishna virou-se na minha direcção. Os contornos do rosto permaneciam indistintos, mas podia sentir-se o peso do seu olhar.

— Isto sabe de certeza — prosseguiu num tom neutro —, Kaliksetra tornou-se na cidade de Kalikata. Kalikata era o lugar do grande Kalighat, o mais sagrado dos templos dedicado a Kali. Ainda continua de pé. A pouco mais de três quilómetros do seu hotel. Sabe, não sabe?

— Hummm... — respondi. Mesmo à nossa frente, um eléctrico descreveu uma curva a grande velocidade. O nosso coolie afastou o riquexó dos carris, evitando por pouco a colisão. Berros de fúria acompanharam-nos durante alguns momentos, até que fomos desembocar numa rua mais larga e vazia.

— Kali era uma deusa, não era? Uma das esposas de Xiva. — Apesar do meu interesse na obra de Tagore, já há muitos anos que eu não lia os Vedas.

Krishna soltou um som incrível. A princípio julguei tratar-se de uma explosão de desprezo, mas depois voltei-me para ver o que era. Krishna cobria um dos orifícios do nariz com o dedo e soprava violentamente quantidades de ranho sobre a mão esquerda.

— Sim, sim — acabou por responder. — Kali é a sagrada sakti de Xiva. — Em seguida, inspeccionou o conteúdo da mão, acenou com a cabeça, todo satisfeito, e sacudiu os dedos do outro lado do riquexó.

— Conhece decerto o seu aspecto? — perguntou-me. Das sombras de um prédio delapidado, por onde tínhamos acabado de passar, ouviram-se os sons de várias mulheres a discutirem aos berros umas com as outras.

— O seu aspecto? Não, acho que não... Ela... as estátuas, têm vários braços, certo? — Olhei em volta e perguntei a mim mesmo se estaríamos quase a chegar ao nosso destino. Era difícil imaginar uma cafetaria no meio destas ruínas.

— Claro! Claro! Ela é uma deusa! Evidentemente que possui quatro braços. Você tem de ir ver o grande ídolo em Kalighat. É a jagrata, a Kali «desperta». Muito terrível. Bela e terrível, Sr. Luczak. As mãos mostram o abhaya e o vara mudras, os mudras que retiram o medo e dão concessões. Mas muito terrível. Muito alta. Assustadora. De boca aberta. Com a língua muito comprida. Tem dois... como se chamam... dentes de vampiro?

— Presas? — sugeri, agarrado à cobertura vermelha do banco, perguntando a mim mesmo o que é que Krishna queria dizer com tudo aquilo.

Nesse momento fomos desembocar numa rua mais escura e estreita.

— Ah, sim, sim. Foi ela a única que entre os deuses conquistou o tempo. Devora todos os seres, claro. Purusam, asvam, gam, avim, ajam. Está nua. Os pés belos pisam um cadáver. Nas mãos, segura um pasá... um laço, khatvānga... como é que se diz... Um pau, não, um bastão, com uma caveira, khadga... uma espada, e uma cabeça decepada.

— Uma cabeça decepada?

— Claro. Deve saber isso.

— Que raio, Krishna, o que é que a Kali tem...

— Ah, chegámos, Sr. Luczak. Desça. Rápido, por favor. Estamos atrasados. A cafetaria fecha às onze.

A rua pouco mais era do que uma viela alagada pelas chuvas e cheia de lixo. Não havia em nenhum lado sinais de lojas ou montras e muito menos de um café. As paredes não estavam iluminadas à excepção do pálido reflexo das lamparinas que brilhavam numa das janelas superiores. O coolie largou as barras e acendeu um pequeno cachimbo. Continuei sentado.

— Rápido, por favor — insistiu Krishna, estalando os dedos do mesmo modo como eu o vira tratar os carregadores. Passou por cima de um homem adormecido no passeio e abriu uma porta, até ali invisível. Uma única lâmpada iluminava uma escada íngreme e estreita. Lá do alto escorriam ecos de conversas abafadas.

Saltei do riquexó e segui-o até à luz. Uma outra porta, no patamar do segundo piso, conduziu-nos a um corredor enorme.

— Reparou na universidade ao fundo da rua? — perguntou Krishna por cima do ombro. Acenei que sim, embora não tivesse reparado em nenhum prédio mais importante do que um armazém. — Isto é, claro, a cafetaria da universidade. Não, não é bem isso. Coffee House. Tal qual como em Greenwich Village. Pois.

Krishna voltou à esquerda e levou-me até uma sala verdadeiramente cavernosa. O tecto alto, as colunas maciças, as paredes sem janelas, lembravam aquelas garagens perto do nó de Chicago. Pelo menos 50 ou 60 mesas eram visíveis à luz mortíça, mas só algumas estavam ocupadas. Aqui e ali, um grupo de jovens nervosos vestidos com camisas largas e brancas, sentavam-se junto de mesas grosseiras pintadas de verde-escuro. Ventoinhas rodavam devagar, presas a um tecto a sete metros de altura; embora não fosse perceptível qualquer movimento no ar húmido, a luminosidade das lâmpadas dispersas tremeluzia, dando à atmosfera um efeito de estroboscópica monotonia, como num antigo filme mudo.

— Uma cafetaria! — repeti estupidamente.

— Venha por aqui. — Krishna orientou-me através das mesas que se apertavam umas contra as outras, até ao canto oposto da sala. Um jovem

com cerca de 20 anos estava sentado, sozinho, num banco colado à parede. Quando nos viu aproximar, levantou-se.

— Sr. Luczak, apresento-lhe Jayaprakesh Muktanandaji — disse Krishna, acrescentando qualquer coisa em bengali para o jovem. As sombras profundas tornavam difícil perceber-lhe as feições com clareza. Mesmo assim, a par de um aperto de mão húmido e hesitante, registei um rosto esguio, óculos grossos, e um ataque de acne tão intenso que as borbulhas quase brilhavam.

Continuámos assim, todos de pé, durante um momento de silêncio. Depois, o jovem limpou as palmas das mãos uma à outra e deitou uma olhadela furtiva aos estudantes das outras mesas. Alguns, quando entrámos na sala, tinham virado a cabeça na nossa direcção, mas agora já ninguém olhava para nós.

Sentámo-nos no preciso instante em que um velho, com alguns pêlos a fazer de barba branca, nos trouxe o café à mesa. As chávenas estavam bastante lascadas, repletas de linhas de fractura, com ramagens pálidas espalhadas pelo esmalte. O café era forte e saboroso, não fosse alguém já o ter saturado de açúcar e leite azedo. Krishna e Muktanandaji ficaram a olhar para mim enquanto o velho permanecia calado, junto da mesa. Peguei na carteira, remexi nos trocos e acabei por colocar sobre o tampo uma nota de cinco rupias. O homem pegou nela e foi-se embora sem me dar o troco.

— Sr. Muktanandaji... — comecei, orgulhoso por me conseguir recordar do nome — tem alguma informação sobre o poeta de Calcutá M. Das?

O rapaz acenou com a cabeça e disse qualquer coisa a Krishna. Krishna replicou-lhe com brusquidão e em seguida virou-se para mim, de sorriso afiado:

— Sr. Muktanandaji não fala, receio, o inglês com muita fluência. Pediu-me que traduzisse por ele. Se estiver pronto, Sr. Luczak, ele vai-lhe contar a sua história.

— Julguei que isto era uma entrevista!

Krishna ergueu a palma da mão direita: — Sim, sim. Tem de compreender, Sr. Luczak, Sr. Jayaprakesh Muktanandaji só veio falar consigo em atenção à minha pessoa, que em tempos fui seu professor. Está muito relutante. Se fizer a gentileza de o deixar contá-la, pela minha parte vou traduzi-la o melhor possível. Em seguida, se tiver alguma pergunta a fazer, eu transmito-a ao Sr. Muktanandaji.

Raios! Hoje já era a segunda vez que eu cometia o erro de não trazer a Amrita comigo. Ainda pensei em cancelar o encontro ou mudá-lo para mais tarde, mas acabei por desistir da ideia. Melhor seguir em fren-

te. Amanhã dar-me-iam o manuscrito de Das, e, com um pouco de sorte, quando a noite viesse, já estaríamos a voar de regresso a casa.

— Muito bem — concordei.

O jovem clareou a garganta e ajustou os óculos grossos. Tinha uma voz ainda mais aguda do que a de Krishna. No intervalo entre duas frases, fazia uma pausa, esfregava, distraído, o rosto ou o pescoço, enquanto Krishna traduzia. A princípio, achei estes intervalos irritantes, mas o correr musical do bengali, logo seguido pelos acessos cantarolados do dialecto de Krishna, provocaram um efeito mântico, quase hipnótico, na minha pessoa. Era um estado semelhante ao da alta concentração e envolvimento, que um filme estrangeiro obriga em nós, devido ao esforço de se lerem as legendas.

Comecei por interromper a narrativa para lhes fazer perguntas; mas como as minhas intervenções pareceram incomodar Muktanandaji, ao fim de alguns minutos contentei-me em levar à boca o café, já quase frio, e escutar. De vez em quando, Krishna virava-se para dizer qualquer coisa em bengali, o rapaz respondia, e eu amaldiçoava-me por ser um idiota que só era capaz de falar uma língua. Mesmo assim, duvido que a própria Amrita conseguisse acompanhar o rápido fluir desta conversa.

A medida que a narrativa prosseguia, descobri-me a tentar organizar mentalmente a sintaxe tortuosa de Krishna, ou substituir as expressões, muitas vezes cómicas, que ele empregava, pelo termo mais correcto. Comecei por rabiscar algumas notas no caderno de apontamentos, mas ao fim de algum tempo até isto começou a irritar-me, de modo que pus a caneta de lado. Lá no alto, as ventoinhas giravam devagar, a luz eléctrica cintilava como um relâmpago, visto ao longe, numa noite de Verão. Fixei-me apenas no que Jayprakesh Muktanandaji estava a contar, servindo-se da voz de Krishna.